

Deus e a humanidade: algo a ver? Karl Rahner 100 anos

Editorial

Iniciamos, hoje, o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI.

No mundo técnico-científico de hoje, onde os grandes relatos e narrações se fragmentaram, onde “tudo o que é sólido desmancha no ar”, para usar a famosa e pertinente expressão de Karl Marx no Manifesto Comunista de 1848, há ainda lugar para o saber teológico? Mas a teologia é um saber? O Simpósio que hoje inicia, pretende responder a esta pergunta com base nos desafios que emergem, em primeiro lugar, da razão contemporânea, em segundo, da pluralidade religiosa e, em terceiro lugar, do grito surdo que se alça da multidão de excluídos do banquete da sociedade contemporânea. Ou seja, uma teologia na Universidade, hoje, só tem lugar na medida em que for capaz de responder a esses três desafios.

*E para responder a eles o Simpósio se inspira na obra teológica de Karl Rahner, a quem dedicamos este número do **IHU On-Line**. As entrevistas realizadas e os artigos publicados na matéria de capa querem trazer para o espaço público da nossa Universidade o debate teológico. Celebramos, assim, o centenário de nascimento de Karl Rahner, um dos mais importantes teólogos do século XX. Na editoria Memória deste boletim, recordamos também o centenário de outro teólogo: Yves Congar. Um jesuíta, outro dominicano, os dois marcaram a caminhada teológico-espiritual do século passado e podem servir de luzeiros para nós que buscamos o lugar da teologia neste novo século.*

*Saudamos a todos os participantes do Simpósio, especialmente os que vêm de outros cantos do Rio Grande do Sul, do Brasil e do exterior. Que se sintam acolhidos nesta grande casa que é a Unisinos. Agradecemos a presença de todos e todas, pois vieram para nos ajudar a procurar caminhos, a traçar rotas.
Uma ótima leitura e uma excelente semana!*

KARL RAHNER 1904-2004

Neste ano, celebramos o centenário de nascimento do jesuíta alemão Karl Rahner. Ele foi um dos mais importantes teólogos católicos do século XX. A Unisinos dedica à sua memória o Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do século XXI*, que se realiza a partir de hoje, dia 24 de maio, e se estende até o dia 27 de maio de 2004 inclusive. O **IHU On-Line** n.º 90, de 1º de março de 2004, publicou um artigo de R. Gibellini sobre ele e O **IHU On-Line** n.º 94, de 29 de março de 2004, uma entrevista de J. Moltmann, onde este grande teólogo luterano analisa o pensamento de K. Rahner. Por sua vez, a TV Unisinos produziu, em parceria com o Instituto Humanitas Unisinos, um vídeo sobre ele, que será apresentado na sessão de abertura do Simpósio Internacional. Igualmente, no dia 28 de abril, no evento *Abrindo o Livro*, Érico Hammes, teólogo e professor da PUCRS, apresentou o livro **Curso Fundamental da Fé**, uma das principais obras de Karl Rahner. A entrevista com o prof. Érico Hammes pode ser conferida no IHU On-Line n.º 98, de 26 de abril de 2004. Ainda sobre K. Rahner publicamos uma entrevista com H. Vorgrimler no **IHU On-Line** n.º 97, de 19 de abril de 2004, sob o título *Karl Rahner: teólogo do Concílio Vaticano II nascido há 100 anos*.

Karl Rahner, nasceu no dia 5 de março de 1904, em Freiburg, em Breisgau. Em 1922, ingressou na Companhia de Jesus. Doutorou-se em filosofia com a tese *Espírito no mundo*, em 1932. Durante o período dos seus estudos filosóficos foi aluno de Martin Heidegger e, em 1936, doutorou-se em teologia. Foi perito do Concílio Vaticano II pelo papa João XXIII. Em 1964, substituiu Romano Guardini¹ na Universidade de Munique. Em 1967, foi professor de teologia dogmática e história do dogma na Universidade de Münster. Professor emérito, em 1973, trabalhou na *Hochschule für Philosophie* dos jesuítas em Munique. Em 1982, mudou-se para o colégio dos jesuítas em Innsbruck, na Austria. Ele faleceu no dia 30 de março de 1984, em Innsbruck, poucos dias depois de ter sido homenageado pelos seus 80 anos de vida.

A sua obra teológica compõe-se de mais de 4 mil títulos. Suas obras principais são: **Geist in Welt** (*O Espírito no mundo*), 1939, **Hörer des Wortes** (*Ouvinte da Palavra*), 1941, **Schriften zur Theologie** (*Escritos de Teologia*), 16 volumes escritos entre 1954 -1984, **Grundkurs des Glaubens** (*Curso Fundamental da Fé*), 1976.

O PENSAMENTO TEOLÓGICO DE KARL RAHNER

*Neste número, reproduzimos um artigo de Johannes Baptist Metz², teólogo alemão, escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner e publicado, como introdução, no livro **Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner**.*

¹ Romano Guardini, teólogo, filósofo da religião e escritor, nasceu em 1885 em Verona, na Itália e morreu, em 1968, em Munique, na Alemanha. Os seus escritos o tornaram conhecido em muitas partes do mundo. (Nota do **IHU On-Line**)

² De Metz, **IHU On-Line** publicou uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002. (Nota do **IHU On-Line**)

Freigurg-Basel-Wien: Herder, 1964 em 2 volumes. Agradecemos ao Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, SJ que nos chamou a atenção para este artigo e nos propiciou o acesso ao original alemão. A tradução é do Pe. Silvino Arnhold, SJ.

Esta obra pretende ser uma homenagem a Karl Rahner, sexagenário, em veneração, gratidão e amizade e quer ser também um sinal de que aquilo que ele semeou, num trabalho árduo, por vezes contestado, está crescendo. Quem se familiariza com ele tem dificuldade em conseguir uma visão panorâmica e uma justa avaliação de sua personalidade e de sua obra; deve temer que vai esquematizar friamente a riqueza de sua teologia e a elementar paixão de seu serviço prestado à causa da Palavra de Deus; deve temer que, no fim, praticamente nem chegou a mencionar os aspectos mais importantes e determinantes. Feita esta reserva, vou falar sobre a personalidade teológica do mestre e amigo e sobre a sua teologia, porque as duas se refletem inevitavelmente uma na outra.

Um traço decisivo da personalidade teológica de Karl Rahner é, na minha opinião, o que eu poderia chamar sua afirmação da tradição: o saber-se comprometido com a história da fé e da Igreja. Evidentemente, afirmar esta fidelidade à Tradição não significa uma pura e simples repristinação, uma "reprodução" estéril de um dado histórico (como ele costuma chamá-lo), mas uma genuína reflexão atualizada, uma visão e pesquisa atualizada da história: a tradição constitui para ele um problema da própria teologia sobre si mesma, um problema de sua autocompreensão em cada tempo. Exatamente assim se realiza para ele o futuro vivo da teologia a partir de sua própria origem; ele mesmo não busca a novidade por causa da modernidade, mas sim pela fidelidade que o leva obrigatoriamente ao início da história. Testemunho dessa fidelidade são não somente esses imensos conhecimentos da história, - tantas vezes não reconhecidos e, às vezes, até falsamente interpretados -, os quais se encontram por trás de suas formulações teológicas, mas também justamente naquele "traço seguro" de sua atitude teológica em si, com que ausculta o significado de palavras, conceitos e sentenças dos primórdios da teologia escolástica na Igreja, "libertando-os" para nós e para nossa reflexão teológica atual; sua atitude teológica com que desenvolve uma hermenêutica sutil e diferenciada, animada por uma incomparável seriedade, das declarações do Magistério eclesiástico, para serem submetidas à discussão em toda a sua extensão e profundidade (pensemos, por exemplo, nas suas considerações sobre os membros da Igreja, sobre o monogenismo, sobre questões da teologia penitencial, sobre o problema da hominização). Rahner "avança em frente" somente na medida em que a grande tradição da Igreja e da própria teologia permite ser levada em conta; por isso seu ir em frente representa um genuíno progresso da teologia e da própria consciência eclesial. Nesta viva relação com a história, manifesta-se, de resto, um traço de Karl Rahner, que eu gostaria de frisar: sua "capacidade em relação à realidade imediata", sua aptidão em enxergar as coisas em sua "banalidade" (quantas vezes ele mesmo usa esta expressão!), para assim descobrir novamente um brilho apagado há muito em nosso modo de pensar, evocar "evidências" adormecidas e dar nova liquidez a idéias esclerosadas, isto é, a secreta arte de saber fazer interrogações genuínas (porque tinha a capacidade de ouvir!) para, com viva plasticidade, fazer novas experiências, continua sendo, apesar de toda a extensão e publicidade da atividade de Rahner, certamente em boa parte, a preciosa experiência quase esotérica, daqueles que têm a sorte de ser seus discípulos e para os quais ele continua sendo o "seu" Rahner na sala de aula, nas horas de seminário, no colóquio e em muitas conversas pessoais. E, assim, por trás de uma controvérsia restrita às escolas e apagada no crepúsculo dos séculos descobrimos uma genuína intuição, uma verdadeira paixão religiosa, que é capaz de ainda hoje nos estimular e fecundar!

II

Uma segunda característica da personalidade teológica de Karl Rahner: **sua viva consciência de responsabilidade teológica frente às necessidades religiosas do tempo e a preocupação genuinamente pastoral e querigmática de sua teologia.**

Do conhecimento de todos são suas palavras programáticas do primeiro volume de seus **Schriften zur Theologie** ("Escritos de Teologia"): "Na realidade, a longo prazo, a teologia mais exata, a que mais apaixonadamente se dedica unicamente ao seu objeto, a que levanta novas interrogações, a própria teologia mais científica a longo prazo vem a ser a teologia mais querigmática". Confirmou-o em formulações de mesmo teor, quando expôs o objetivo das **Quaestiones Disputatae**, isto é, na série de escritos que ele publicou em colaboração com Heinrich Schlier, desde 1957. Nesta série ele publicou artigos que servem de exemplo em favor desta compreensão da originária unidade entre teologia e querigma. No entender de Karl Rahner, querigma nunca é um epifenômeno (um fenômeno concomitante), - na maioria dos casos nivelador, vulgarizante - da reflexão teológica, a teologia nunca pode ser uma questão teorizante e neste sentido puramente acadêmica.

Para Rahner trata-se claramente de considerar o querigma à altura da própria reflexão teológica e vice-versa, de considerar a teologia à altura das exigências querigmáticas. Nesde contexto, seus alunos não podem esquecer os colóquios das tardes das sextas-feiras, em Innsbruck. Neles puderam experimentar, com exemplos muito concretos, algo da real proximidade da teologia com a situação religiosa do homem do nosso tempo ("Como vou dizer isto ao homem do trem expresso?"); neles puderam experimentar também a real proximidade da teologia com os problemas do homem de hoje (com as nossas próprias interrogações), problemas que aqui são abordados com toda a seriedade, a bem da verdade, são adivinhados e interpretados em todo o seu peso e sua dimensão; e tudo isso não acontece como um mero apêndice pastoral de uma teologia bem polida e conceptualmente satisfeita em si mesma, mas como o assunto mais próprio da teologia. Aqui descobrimos um pouco da arte de elevar a teologia, por assim dizer, à sua potência própria, quer dizer, libertá-la e apresentá-la na sua potência querigmática e espiritual que lhe é imanente. E certamente, não em último lugar, é exatamente este traço da personalidade teológica de Karl Rahner que fê-lo ser, de maneira simplesmente única, o "professor", digo, o "professor paternal". Aqui cito as palavras de S. Paulo -1 Cor 4,15 - que mandamos gravar e lhe demos de presente, lembrando seus 25 anos de ordenação sacerdotal: "Com efeito, ainda que tivésseis dez mil pedagogos em Cristo, não teríeis muitos pais!! Pois fui eu quem pelo Evangelho vos gerou em Cristo Jesus!" Jamais tive a impressão de que o púlpito de professor (e, com as devidas mudanças, o púlpito do pregador) fosse o lugar onde, sob o aspecto puramente acadêmico, ele se considerasse superior a nós. Antes, parecia ser o lugar em que trazia à baila a grandeza e a miséria, os horizontes mal avaliados de nossa própria experiência religiosa e os refletia no esforço elementar dos conceitos teológicos. Muitos aspectos da atividade de Karl Rahner como pregador, como orador, como correspondente epistolar e sobretudo como professor e escritor de teologia revelam esta característica da personalidade de teólogo e de sua teologia. De sua atividade literária recordo **Worte inschweigen** ("Palavras pronunciadas para o Silêncio"), **Von der Not und dem Segen des Gebetes** ("Sobre a Necessidade e a Bênção da Oração"), **Maria, Mutter des Herrn** ("Maria, a Mãe de Jesus"), **Kleines Kirchenjahr** ("Pequeno Ano Eclesiástico"), os numerosos artigos publicados na Revista **Geist und Leben**, o terceiro volume de seus **Escritos de Teologia**, o volume ainda não publicado sobre os Exercícios Espirituais (fruto de numerosos cursos dos Exercícios), a Coletânea **Sendung und Gnade** ("Missão e Graça"), que mostra como nenhum outro escrito até que ponto a alta teologia sabe levar a sério exatamente as "mínimas coisas" e a vida "concreta". Em todas essas publicações, manifesta-se aquele imenso interesse, que,

como impulso mais íntimo, atua qual mola no seu rigoroso pensamento teológico: fazer os homens mais amantes, mais piedosos, oferecer-lhes uma ajuda para a sua autocompreensão religiosa.

Vêm-me à mente as palavras de S. Paulo: "Não somos donos de vossa fé, mas cooperadores de vossa alegria" (cf. 2 Cor 1,24). Visto que a teologia de Rahner tem consciência da fé, que ainda está à procura de si mesma e deve sempre ter-se a si mesma diante dos olhos, visto que neste sentido é uma genuína "Theologia viatoris" e leva a sério a fraternidade de todos os peregrinos (pensemos numa palestra no Katholikentag em Hannover), é sentida por muitos, por um sem-número de pessoas, como muito próxima à própria situação religiosa e até mesmo, não raro é procurada e consultada justamente por aqueles que, apavorados e aflitos, julgam não mais poder crer.

Traduzir e apreciar brevemente a teologia e os pensamentos teológicos de Karl Rahner é uma tarefa impossível. Deparamo-nos com tal variedade de temática e tal abundância de pensamentos e perspectivas (compare sua bibliografia com 887 itens) –, o que já é de *per si* um traço marcante, talvez até o traço de sua teologia que, de imediato, mais dá na vista³. Levando em conta o perigo quase inevitável de uma redução e esquematização, vou indicar a seguir a peculiaridade "formal" e o significado histórico de sua teologia que abriga esta variedade material.

Eu gostaria de assinalar esta peculiaridade formal com uma palavra-chave, talvez não inteiramente inequívoca, de teologia voltada para a antropologia. Esta "teologia de caráter antropológico", naturalmente, não exprime o favoritismo arbitrário de uma disciplina teológica em relação a outras disciplinas e quiçá nem a concorrência da antropologia com a teologia; ela quer, porém, exprimir primariamente um "aspecto formal", quer dizer, determinar o lugar categorial que cabe à Palavra revelada, pois é a partir dela que devem ser tomadas e "ilustradas" todas as declarações teológicas; é a partir dela que a dependência do homem de Deus na história (portanto, "Deus é o centro" da existência do homem) pode ser pensada e refletida séria e resolutamente por meio de conceitos. Por mais que a autocompreensão da teologia, relacionada com esta exigência, afirma, em princípio, aquela "volta para a antropologia", que se esboça na história do pensamento no início do Tempo Moderno e no qual o homem - em oposição à dominante compreensão "cosmocêntrica" do ser, se coloca cada vez mais, em sua categoria ontológica única e em sua livre subjetividade histórica, no centro de suas reflexões; por mais que, neste ponto, aquela "correlação interna entre teologia e filosofia" no pensamento de Rahner ganha importância, da qual ainda me cabe falar. Contudo, sua "teologia voltada para a antropologia" está longe de lançar suas bases numa visão puramente filosófica; ela nasce, antes, da razão teológica que se apóia na própria Palavra revelada, pois, para a razão teológica, a antropologia como afirmação teológica sobre o homem jamais pode ser simplesmente uma disciplina qualquer ao lado de outras disciplinas teológicas.

Na mensagem central sobre a Encarnação do Verbo, que deve ser entendida como querigma (anúncio) do *verbum homo factum*, aparece exatamente o homem (e somente ele) como o lugar, no qual Deus assumiu o mundo e sua história como seu próprio destino. Por esta razão, assim fala o próprio Karl Rahner no artigo do *Lexikon für Theologie und Kirche*, que serve de orientação à "teologia antropológica": "não existe um campo de interesses (pelo menos desde a Encarnação do Logos), que não envolva (não apenas indireta e redutivamente) a antropologia

³ H. Vorgrimmler mencionou-o explicitamente como traço característico, no seu livro sobre Karl Rahner (Tielt und Den Haag 1962, trad. alemã, Munique 1963); remeto expressamente a esta obra a quem deseja obter informação mais detalhada, claramente estruturada sobre a temática material da Teologia de Karl Rahner.

teológica”. Isso constitui a peculiaridade de tal antropologia. Ela é também a suma da “Teologia”. Descobrir isso talvez me pareça primordial em todo o alcance fundamental e metodológico para a autocompreensão da teologia católica e realizá-lo em importantes ensaios particulares me parece ser o aspecto determinante e distintivo da Teologia de Karl Rahner, pontos estes que servirão de norma também para o nosso pensamento teológico no futuro. A meu ver, este traço fundamental esclarece exatamente o significado ecumênico e a fecundidade de sua teologia, a qual, levando em conta a variedade de sua temática, manifestou-se relativamente poucas vezes sobre questões especiais diretamente interconfessionais (conforme, por exemplo, os artigos de Karl Rahner sobre “Conversões” (“mudança de religião”), “Doutrina da Transubstanciação”, “Muitas Missas e o Único Sacrifício de Cristo”, “Indulgências”, “Significado e o Elemento Pessoal na Administração dos Sacramentos”); no entanto, dificilmente se encontra outra teologia que, como a de Karl Rahner, é ouvida e levada a sério justamente no âmbito evangélico.

Se tentei etiquetar a teologia de Karl Rahner como uma “teologia voltada para a antropologia”, então esta palavra-chave quer implicar mais um segundo elemento. É sobre ele que quero chamar brevemente a atenção, pois esta palavra-chave não pretende ser uma declaração teológica isolada, e sim caracterizar um projeto teológico em seu todo. Ela indica, com isso, que, no caso de Karl Rahner, estamos diante de um tal projeto global original e exatamente diante de “sua” teologia. A “novidade” na teologia dogmática de Rahner não consiste primariamente em ele introduzir um sistema da dogmática mais ou menos preestabelecido e aceito sem discussão, essa ou aquela “sentença”, que desenvolve ou torna mais preciso o assunto, embelezando-o como uma estátua com um novo material histórico. Essa “novidade” não se expressa num enriquecimento meramente material de um cânon dogmático vigente já em toda a parte, mas mostra-se no fato de que nele - no diálogo sério e vivo com a tradição é, em seu todo, aceito e examinado a fundo num esforço elementar: justamente como “teologia voltada para a antropologia”. Mas, nesse processo, não se delinea, para a atual consciência teológica, no âmbito da Igreja, em forma exemplar historicamente nova, aquilo que poderíamos chamar a passagem da (única) Teologia para as Teologias, ou mais exatamente: a passagem da (única) Teologia dogmática para as Teologias dogmáticas? Cada vez mais se comprova quanto a teologia de Rahner não pode ser avaliada simplesmente como a questão de um “outsider”, talvez interessante, quanto, ao contrário, sua Teologia leva em consideração toda a doutrina dogmática da Igreja e a traz à discussão, quanto, nesse processo, contudo, não repete simplesmente “a” dogmática, mas recebe outra vez todo o conjunto de modo originalmente novo e o desenvolve como a “sua” própria dogmática. Onde este processo se torna realidade - no caso de Rahner, isso parece ter-se realizado de fato - desenvolve-se uma genuína e viva pluralidade de ensaios dogmáticos em geral. À vista desse novo projeto global bem sucedido fica claro que aquilo que, até muitas vezes sem a devida discussão, valia e ainda vale como “o” princípio dogmático com um cânon de teses claramente alinhavadas e com uma ferramenta de categorias evidentes, não passa de um determinado ensaio e de uma determinada classificação esquemática, o que, como tal, tem seu lugar claramente fixável na história da Filosofia e da Teologia - quiçá na Nova Escolástica do século passado - e parte de noções categoriais, que não são dadas sem mais como evidentes com a doutrina obrigatória da Igreja, nem são requeridas como a única maneira possível de interpretá-la adequadamente.

A propriedade do ensaio que determina o conjunto das afirmações dogmáticas de Karl Rahner já se mostra no fato de ele apresentar um estudo inconfundivelmente próprio, “sua” linguagem. Pôr em dúvida esse fato pode, em última análise, somente aquele que pega a fórmula morta, por assim dizer, o conceito congelado, como expressão e assimilação histórica, por parte do homem, da única verdade divina que arrosta o tempo. Substancialmente fecundo, em todo o

caso apropriado, parece-me ser, contudo, este conjunto original do seu projeto dogmático da viva “correlação interna entre teologia e filosofia”, que o caracteriza de ponta a ponta, e em virtude da qual uma reflexão dogmática é sempre “formalmente” determinada, quer dizer, reflete os próprios conteúdos do pensamento teológico numa compreensão do ser como resultado crítico do respectivo momento histórico.

Nesse ponto, Karl Rahner sabe-se comprometido com os clássicos da filosofia cristã, primeiramente com o pensamento de Tomás de Aquino (vide suas primeiras obras importantes ***Geist und Leben e Hörer des Wortes***), mas num genuíno compromisso histórico, que toma a sério o Tomás “histórico”, pelo fato de tentar fazer dele um Tomás “presente” (“atual”) – não, em último lugar, pelo encontro “tomístico” com o pensamento de Martin Heidegger, efetuado de modo fecundo pelo próprio Rahner e - nas pegadas de Joseph Maréchal - com a filosofia transcendental. Neste vivo entrelaçamento entre a atividade filosófica e teológica, para Rahner, o desempenho filosófico não se restringe simplesmente à causa própria “ao lado” de sua teologia, antes tornou-se, cada vez mais, o instrumento hermenêutico magistralmente aplicado no desenvolvimento de uma teologia dogmática em sua unidade interna e em sua “forma”. Precisamente isso possibilitou-lhe – agora quero reportar-me a este ponto - realizar não só de forma material, mas também “formal”, desenvolver um ensaio histórico, em si mesmo transparente, de reflexão teológica, desenvolver “sua própria” dogmática sem reduzir arbitrariamente o tesouro obrigatório da doutrina, e com isso também no âmbito católico (de novo) fazer valer aquela pluralidade genuinamente histórica de teologia dogmática, que reflete vivamente a riqueza inesgotável do tesouro da Revelação, não somente no conteúdo refletido, mas na própria reflexão dogmática.



Em razão de a teologia de Rahner ter uma “forma”, ela pode ser múltiplice, sem se tornar uniforme e ser uma teologia qualquer, pode ser aberta sem se perder no esquisito e impróprio. Não posso mostrar aqui como a riqueza dos seus temas e afirmações teológicas possui coesão, programação e estrutura, por assim dizer, através da “forma” implícita de seu ponto de partida voltado para a antropologia. Este aspecto mereceria uma investigação teológica própria. Quero restringir-me ainda a chamar brevemente a atenção para a franca multiplicidade de sua teologia como tal, que não se esgota em temas referentes estritamente à área das disciplinas dogmáticas (a esses temas destinam-se principalmente os cinco volumes até agora publicados dos ***Schriften zur Theologie***, suas publicações na série das ***Quaestiones Disputatae*** e os artigos no ***Lexikon für Theologie und Kirche***).

Além do mais, sua teologia está em diálogo com outras disciplinas teológicas e com as ciências modernas em particular e com a visão hodierna do homem a respeito do mundo e da existência que nelas aflora. A multiplicidade da teologia de Rahner encontra-se em franca comunicação com outras disciplinas teológicas através de seu programa de uma ***Teologia Formal e Fundamental***, Karl Rahner exigiu da teologia fundamental uma tarefa nova e fecunda e propôs-lhe uma nova base para a sua autocompreensão teológica; através de sua discussão sobre a lógica existencial e a ética existencial deu uma contribuição importante para uma moral fundamental; como co-editor de um ***Manual de Teologia Pastoral*** em vários volumes, empenha-se na fundamentação teológica da teologia pastoral; uma série de estudos seus destina-se a questões de fronteira entre a dogmática e a exegese, de grande importância hoje (por exemplo, seus artigos sobre ***Exegese e Dogmática, Theos no Novo Testamento, Ciência e Autoconsciência de Cristo, Princípios Teológicos da Hermenêutica de Declarações Escatológicas***, sua ***Quaestio Disputata*** sobre a “Inspiração das Escrituras”).

Para além desses temas, a Teologia de Rahner confronta-se com as exigências da moderna compreensão do mundo e de suas ciências particulares: testemunho deste confronto são seus estudos ***Ciência como Confissão Religiosa, A Cristologia em meio a uma visão evolutiva do mundo, A Autocompreensão da Teologia diante das Exigências das Ciências Naturais, o Cristianismo e o Homem Novo***, etc. Esses estudos têm sua origem, na maior parte das vezes, em palestras e colóquios feitos em círculos extrateológicos (não em último lugar, no círculo da Paulusgesellschaft). Todos eles confirmam com que seriedade e com que vigor ele se confronta com as exigências e problemas de nossa consciência do mundo moderno, todos eles confirmam até que ponto ele estende sua atividade teológica como serviço à vinda do Verbo Encarnado aos homens de hoje, como serviço àquele diálogo histórico de Deus com o mundo que teve seu início na Encarnação do Logos e foi selado por Ele.

No fim, toda a multiplicidade de suas afirmações teológicas e do seu engajamento teológico sempre fala do “Único” e se resume e condensa com crescente rigor sobre este “Único” = sobre o Amor de Deus e o Perdão em Jesus Cristo prometido ao homem. No fim, sua Teologia “conhece” somente este “Único” – não resultado de um conhecimento puramente especulativo da fé, senão de alguma forma como correlação teológica com a seriedade e candura daquele “conhecimento de Jesus Cristo, meu Senhor” que o Novo Testamento enaltece (Fl 3,8)

IV

O efeito de tal teologia ainda não pode ser avaliada suficientemente. Uma primeira vez ela mostrou a sua força visivelmente na Coletânea ***Fragen der Theologie Heute-*** (“Interrogações que a Teologia faz Hoje”), publicada em 1ª edição, em 1957 (vide o índice das pessoas!); ela se expressa, de modo impressionante, no espírito e arranjo de ***Lexikon für Theologie und Kirchtelt***, que Karl Rahner edita em colaboração com J. Höfer desde 1957, em edição inteiramente refundida (e isso em muitos verbetes que contêm a dogmática de Karl Rahner ainda não escrita no “manuscrito teológico”); ela se confirma em moldes mais amplos pelo seu trabalho prestigioso no Concílio do Vaticano II. Há pouco, o próprio Santo Padre mandou seus agradecimentos a Karl Rahner pela sua obra teológica, estimulando-o a prosseguir no seu caminho.

“DEUS É HOMEM E O SERÁ ETERNAMENTE”

KARL RAHNER: A ABERTURA PARA OS “SINAIS DOS TEMPOS”

NA TEOLOGIA, NA IGREJA E NA SOCIEDADE

Entrevista com Albert Raffelt

O teólogo Albert Raffelt concedeu entrevista ao ***IHU On-Line***, por e-mail, para a presente edição. Ele cursou Teologia em Münster, em München e em Mainz, e foi assistente científico junto a Karl Lehmann⁴ em Freiburg, na Brisgóvia. É doutor em Teologia com a tese ***Espiritualidade e Filosofia: sobre o problema da mediação***

⁴ Karl Lehmann, importante teólogo alemão, atualmente cardeal-arcebispo de Mainz e presidente da Conferência Episcopal da Alemanha escreveu recentemente um artigo sobre Kant que o ***IHU On-Line*** traduziu e publicou na íntegra na 93ª edição, de 22 de março de 2004. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU – também traduziu e publicou o artigo “O Cristianismo – Uma religião entre outras? Um subsídio para o Diálogo Inter-religioso – na perspectiva católica” de autoria de Karl Lehmann. O artigo foi publicado em ***Multitextos***, no. 1, outubro de 2003. Para maiores informações consulte humanitas@poa.unisinos.br (Nota do ***IHU On-Line***)

*da experiência religioso-espiritual em L'Action de Maruice Blondel [1893, Freiburg: Herder, 1978; Formou-se como bibliotecário científico em Freiburg e, em 1999, foi diretor substituto da Biblioteca da Universidade de Freiburg. Desde 2000, é professor honorário de Teologia dogmática em Freiburg. Entre suas diversas publicações, citamos **Theologie studieren: Wissenschaftliches Arbeiten und Medienkunde**. Freiburg: Herder, 2003. Rafelt organizou, ao lado do cardeal Karl Lehmann, a obra **Rechenschaft des Glaubens: Karl Rahner-Lesebuch**. Zürich: Benziger; Freiburg: Herder, 1979. Publicado também em inglês sob o título **The content of faith: The best of Karl Rahner's theological writings**. New York: Crossroad, 1993. Juntamente com Hansjürgen Verweyen publicou, recentemente, o livro **Leggere Karl Rahner (Ler Karl Rahner)**, Brescia: Queriniana, 2004.*

IHU On-Line – Qual é, em sua opinião, o aporte mais importante de Karl Rahner para a Teologia e a sociedade?

Albert Raffelt - Só se pode responder a essa pergunta, quando se faz uma representação do conjunto das realizações da vida de Karl Rahner e de seus pressupostos. Karl Rahner ingressou há mais de oitenta anos na Companhia de Jesus. A teologia católica era, naquela época, após o modernismo, angustiada, desatualizada e tradicionalista. Ela era angustiada perante as conquistas e questionamentos científicos (método histórico-crítico, filosofia transcendental, ciências humanas) e sociais (questões sociais, democracia). A estreita dogmática escolar, rigidamente controlada em seu magistério, possibilitava uma controlada comunicação interna, mas nenhum autêntico desenvolvimento ante os esquemas tradicionais. Nessa situação, Karl Rahner se colocou inteiramente a serviço da Ordem e da Teologia, assumiu a tradição - precisamente também a dogmática escolar - realizando-a em profundidade. Mas, simultaneamente ele também procurou o diálogo com a filosofia moderna (de Kant até seu mestre Heidegger) e a teologia protestante (por exemplo, a exegese no Dicionário Teológico para o Novo Testamento e a dogmática nas sessões do grupo de trabalho de teólogos evangélicos e católicos). Ele colocou bem cedo as questões pastorais de uma sociedade secularizada e pluralista. Já há mais de cinquenta anos, ele se questionou sobre o futuro do cristianismo numa sociedade mundial globalizada. Ele procurou criar situações de diálogo e colaborou em grupos de debate com este objetivo, por exemplo, a Paulus-Gesellschaft (Sociedade de São Paulo), que buscou o diálogo entre Teologia e Ciências Naturais, mas também as Ciências Sociais e o então neomarxismo. Sobre esses dois pontos - o enraizamento na própria tradição, também onde ela não era "moderna", e a abertura para os desenvolvimentos e questões científicas, teológicas e sociais – acrescenta-se um terceiro aspecto: o enraizamento numa profunda espiritualidade, que é fortemente marcada pelas fontes da Ordem Jesuítica e sobretudo pela espiritualidade de Inácio de Loyola. Por isso, como resposta à primeira pergunta, eu não mencionaria um tema, porém uma postura de Karl Rahner: a abertura para os "sinais dos tempos" na teologia, na igreja e na sociedade e o diálogo com elas a partir de uma postura, que deseja introduzir no diálogo a riqueza da própria tradição, sem nenhum estreitamento ou restrição. Esta postura também permanece exemplar em outros contextos sociais.

IHU On-Line - Como o senhor vê a teologia nos tempos atuais: quais são seus principais avanços e em que sentidos pode estar estancada?

Albert Raffelt - A teologia católica atual, em oposição ao tempo em que Karl Rahner estudou a teologia católica, abandonou seu estreito âmbito escolástico interno. Ela se abriu às contribuições científicas da teologia protestante (na exegese histórico-crítica, no diálogo com a filosofia mais recente, na aceitação dos conhecimentos em ciências humanas). Algumas dessas contribuições também foram condicionadas por estímulos de Karl Rahner. Através do Concílio

Vaticano II, a teologia católica atual contribuiu para o diálogo com os bispos, para uma renovação. Entretanto, o otimismo do concílio parece rompido, situação que o marca de maneira determinante. Correspondentemente, há fortes movimentos, que preferem manter fechadas as próprias fileiras, em vez de posicionar-se ante as questões da época. Por mais importante que seja garantir a própria identidade e manter vivas as próprias fontes, essa riqueza não é uma dádiva destinada apenas a um grupo eclesial básico. A igreja e a teologia devem lançar seu olhar para os problemas de toda a humanidade. Esta é realmente também a orientação básica a ser aprendida de Karl Rahner. Ao lado dessa inibição dentro das próprias fileiras, de posicionar-se ante as questões da época, também existe naturalmente em algumas sociedades uma marginalização da teologia a partir de fora. Na Alemanha, pelo longo período do comunismo estatal ateu pode-se sentir do lado oriental um desconhecimento e distância em grupos maiores da população. Também os grupos sociais dirigentes do lado ocidental freqüentemente estão distanciados da igreja. Mostrar aqui de maneira missionária, que o cristianismo não é uma simples superestrutura privada, mas se ocupa com as questões centrais do sentido da vida de cada um e do ordenamento dos valores da sociedade, é hoje a grande tarefa.

IHU On-Line - Como Rahner poderia iluminar hoje essa busca de uma Teologia Pública, ou seja, uma teologia que se deixe interpelar pelas ciências e ao mesmo tempo as interpele?

Albert Raffelt - Na obra de Rahner, pode-se ver concretamente, de que modo ele se entregou ao diálogo com as ciências. O volume 15 de suas *Obras completas* intitula-se: *Verantwortung der Theologie : im Dialog mit Naturwissenschaften und Gesellschaftstheorie (Responsabilidade da teologia: em diálogo com as ciências naturais e a teoria social)* (Freiburg 2002) e contém tentativas concretas do diálogo e também os escritos conjuntos de discussões fáticas com cientistas naturais. Os temas são amplos. De um lado há as questões da conciliabilidade da fé e das ciências naturais na existência concreta, a questão do contexto de uma visão sobre a evolução do mundo, no qual se encontra hoje a teologia. Há também problemas concretos que são provocados pela pesquisa em ciências naturais. Rahner apontou, por exemplo, para o problema da manipulação genética. Provavelmente não é com os modelos de pensamento e as soluções de questões individuais desenvolvidas por Rahner, que se podem encontrar soluções, porém sempre compensa estudar seus trabalhos como motivação. Continua sendo importante manter sua postura dialogal nas problemáticas atuais.

IHU On-Line - Como a teologia e a universidade poderiam ajudar a construir uma sociedade mais justa e plural num mundo globalizado e que cada vez gera mais miséria? Como estaria caracterizado o pensamento social de Karl Rahner?

Albert Raffelt - Creio que o próprio Rahner se assustaria um pouco em face desta questão e consideraria sua própria contribuição para a solução dos problemas mundiais como insuficiente. Mesmo que isso fosse um fragmento de falsa modéstia, deve-se dizer que ele vinculou sua força de trabalho primeiramente com muitas tarefas teológicas específicas, sua própria atividade docente, uma multiplicidade de publicações individuais conexas, realizações de organização científica, como a edição e abrangente colaboração no *Lexikon für Theologie und Kirche* (1957-1965) (Enciclopédia teológica e eclesiástica), no *Handbuch der Pastoraltheologie* (Manual de teologia pastoral) (1964-1972), a colaboração, durante anos, em grupos de trabalho e finalmente nas associações do Concílio Vaticano II e depois no sínodo dos bispos na República Federal da Alemanha. Havia sempre questões bem concretas a serem solucionadas. E Karl Rahner não receou pensar também a fundo problemas detalhados: de pastoral

empresarial até a missão (serviço social) em estações ferroviárias. Em tudo isso sempre se pode sentir uma percepção atenta da realidade social. As conexões globais aparecem antes em sua obra em questões sobre as tarefas missionárias da igreja mundial, como os questionamentos diretos sobre uma ordem social justa. Porém, sobretudo no âmbito do Vaticano II, no diálogo com as modernas teorias sociais e no diálogo com a teologia política, a qual brotou essencialmente de seu círculo estudantil, ele também se posicionou ante a questão sobre a responsabilidade da teologia por estruturas justas. Em todo o caso, não existe em Rahner uma elaborada filosofia e teologia social. Neste aspecto, seu pensamento voltava-se primariamente para a questão da liberdade individual em estruturas rígidas – também eclesiásticas, a questão, como os impulsos pelo novo podem tornar-se eficazes, sem que a Instituição (na igreja como na sociedade) impeça movimentos novos e sem que o novo atue apenas dissolutivamente. Isto é, do ponto de vista teológico trata-se de uma compreensão da eficácia do carisma. Karl Rahner trouxe, porém, para o diálogo concretas contribuições sociológicas individualizadas, como a necessidade de uma opinião pública também na igreja. Parece-me importante que também por trás dessa questão se encontra o ímpeto espiritual da busca inaciana pela vontade de Deus para mim, em minha concreta situação de vida. Assim também não é de admirar, que ele apóie, sob muitos aspectos, os esforços concretos de seus coirmãos jesuítas na América Latina: por publicações marcantes, bem como por intervenções públicas ou também missivas a autoridades eclesiásticas.

IHU On-Line - Muitos autores dizem que Rahner estava à frente de seu tempo. Quais são as idéias de Rahner que o senhor assinalaria como mais inovadoras e que hoje em dia estariam muito vigentes? Que igreja e que sociedade sonhava Karl Rahner?

Albert Raffelt - Tenho algumas reservas nessa questão. Karl Rahner atuou em seu tempo e procurou solucionar tarefas concretas. Nisso ele é exemplar. Que em suas propostas de solução permaneça ainda muito potencial em aberto, muitas promessas não resolvidas, nisso ele certamente se antecipou ao seu tempo, mas nós devemos realizar esses impulsos sob condições atuais. Quando se encara a questão ecumênica, pode-se ver, no texto de suas *Obras Completas*, no volume 27 *Einheit in Vielfalt* (Unidade na multiplicidade) (Freiburg, 2002), como ele tentou manter abertas as portas entre confissões reformadoras e a Igreja Católica, sob as difíceis condições de rígidas promulgações romanas em meados do século passado, e como ele, com paciente cooperação em agremiações, procurou criar um clima melhor. Em suas grandes conferências nas Faculdades escandinavas, em 1968, sobre a teologia do diálogo ecumênico, ele ressaltou, então, a base essencial de todo diálogo ecumênico: “O último pressuposto da teologia ecumênica é a unidade captada na esperança de perceber alguns aspectos comuns já existentes de ambos os lados e em acreditar na graça justificadora, que ainda precede a teologia, junto com seu reconhecimento do expresso em conceitos.” Esse ponto de partida da unidade já existente, em vez de o fazer das diferenças ainda persistentes, conduziu ao seu plano de uma reunificação das grandes confissões cristãs, que ele propôs em 1983 junto com Heinrich Fries: *Einigung der Kirchen - reale Möglichkeit* (Unidade das Igrejas – real possibilidade). Embora ele tivesse que suportar por causa disso, ainda pouco antes de sua morte, muita crítica do lado evangélico bem como do católico, o diálogo contudo prosseguiu. Existe, por exemplo, a *Declaração conjunta sobre a Doutrina da Justificação* entre a União Mundial Luterana e o Conselho Pontifício para a promoção da unidade dos cristãos, de 1997. Talvez seja necessária aqui mais paciência, do que aquela que Karl Rahner empenhou em seus últimos anos, talvez se deva contar realisticamente com muito mais resistência de todos os lados. Mas, o mencionado princípio rahneriano no diálogo ecumênico parece-me estar correto. E seus esforços também não foram ineficazes. Mas, se for mencionado o teologúmeno

do “cristão anônimo”, deve-se dizer que ele não dava muita importância a essa designação. Isso ele ainda disse em sua última grande palestra *Experiências de um teólogo católico* (1984). Mas esse assunto é para cada teólogo realmente “católico”, que pensa de forma bem abrangente e que não desvirtua o termo “católico” como etiqueta confessional, de importância fundamental. Mesmo um duro crítico desse conceito, como Hans Urs von Balthasar, considera essa questão, quando ele fala de pessoas que realmente ama fora da Igreja, “aos quais de forma velada foi doado o espírito da verdade”. Poder-se-ia citar algo semelhante em Karl Barth ou Paul Tillich do lado evangélico, ou de Henri de Lubac do lado católico. A salvação e a graça não terminam nos limites da corporação institucional Igreja. Isso Karl Rahner já expôs há mais tempo em sua interpretação da Encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII (cf. *Obras completas*, vol. 10, Freiburg 2003). O vocábulo do cristão anônimo” surgiu, então, antes numa situação casual, a saber, em 1948, numa discussão com o professor de filosofia Wolfgang Stegmüller e os não-cristãos sinceros, neste caso, os existencialistas: “Evidentemente há existencialistas autênticos e inautênticos, bem como cristãos autênticos e inautênticos. Mas, quando uma pessoa é autêntica, é chamado por Deus e sinceramente diz sim, ele é um cristão anônimo. O existencialista deve contar com o fato de que existencialmente ele faz algo diverso, do que ele supõe na interpretação existencial de seu existir e agir.” Mais tarde a etiqueta se tornou inflacionária e deu azo a críticas. Isso não é decisivo. Decisivo é que Karl Rahner direciona sua teologia para a vontade salvífica universal de Deus biblicamente testemunhada. Por isso ele não deixa a autodoação de Deus à sua criatura terminar em fronteiras institucionais. Com isso ele não ultrapassa a questão sobre a necessidade da Igreja. Mas, ele vê igreja “não tanto como o círculo dos herdeiros da salvação, porém como sua “antecipação histórica e sociologicamente concebível”. Sobre isso ainda haveria muito a ser dito, mas, em todo o caso, Rahner levantou uma questão importante e também deu respostas importantes. De uma discussão atual sobre uma “teologia da religião pluralista” ele se antecipou sob vários aspectos. A questão sobre a infalibilidade papal eu não considero tão central, mas como problematização teológico-profissional, que só pode ser explicada num contexto maior e naturalmente importante da permanência da Igreja na verdade, como um caso especial e também limítrofe. Rahner é totalmente claro nessa questão e se posiciona no chão da doutrina eclesial. Ele também não teme levantar críticas sobre interpretações insuficientes ou inadequadas. Sua controvérsia com Hans Küng⁵ o demonstra. Mas ele também conhece as dificuldades hermenêuticas de todo discurso dogmático na atual situação histórico-espiritual pluralista.

IHU On-Line - Que papel tem o cristianismo hoje numa sociedade global, de mercado, tão marcada pelas guerras?

Albert Raffelt - A teologia de Karl Rahner foi freqüentemente caracterizada como “antropológica”, o que é correto, desde que não se distorça com isso a concepção de que Deus, em sua autodoação, é o centro da teologia. Esta, porém, se dirige ao homem, que é a “gramática” desta auto-expressão – que chega ao seu auge na encarnação. Rahner formula neste contexto: “Se o próprio Deus é homem e o será eternamente, se toda teologia permanece por isso eternamente uma antropologia, se é vedado ao homem, pensar demasiado pouco de si, porque então ele pensaria demasiado pouco de Deus, e se este Deus continuar sendo o

⁵ Hans Küng, importante teólogo alemão, foi censurado pelo Vaticano. Atualmente ele é Presidente da Fundação de Ética Global, com sede em Tübingen, na Alemanha. É autor de inúmeros livros. Foram traduzidos para o português, entre outros, **Igreja Católica**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002; **Uma ética global para política e economia mundiais**, Petrópolis: Vozes, 1999; **Religiões do Mundo. Em busca dos pontos comuns**, Verus Editora, 2004. O sítio da Fundação de Ética Global é <http://www.weltethos.org> (Nota do *IHU On-Line*)

mistério infindável, então o homem é eternamente o mistério pronunciado de Deus, que participa eternamente do mistério de seu fundamento e também onde toda a provisoriedade passou, sempre ainda deve ser aceito como o inextinguível mistério no amor, que é bem-aventurado.” A proibição de pensar demasiado pouco do homem é certamente o núcleo daquilo que a teologia tem a dizer aqui. Pensa-se pouco do homem, quando se permite que ele seja reduzido à miséria, quando ele é coactado, quando é tolhida sua liberdade, quando ele é despersonalizado, quando ele é manipulado geneticamente e muitas outras retalhações. A teologia, em suas múltiplas disciplinas, pode, histórica e sistematicamente, exegética e moral-teologicamente, elaborar critérios e ajudar cada cristão e a comunidade eclesial para uma ação cristã – não ela sozinha, porém numa função importante. A transposição concreta deve concretizar-se de acordo com os contextos culturais, os conhecimentos científicos, e assim por diante. Rahner ergueu sua voz em diversos campos de conflito – da questão do controle da natalidade até a questão sobre as armas atômicas.

IHU On-Line – Algum outro aspecto que gostaria de acrescentar e não foi perguntado.

Albert Raffelt - Gostaria de resumir que a obra de Karl Rahner é demasiado complexa e multifacetada, não podendo um tema recobrir tudo. Convincente em sua obra é para mim, que, a partir de posições filosóficas sistematicamente refletidas (cf. suas obras *Geist in Welt* (Espírito no mundo) e *Hörer des Wortes* (Ouvinte da palavra), volumes 2 e 4, Freiburg 1996 e 1997), numa passagem rica em materiais, através da tradição teológica e em conexão com a teologia escolástica de seu tempo e a ele prescrita, iluminou pensadamente as questões mais candentes da época. Nessa visão, ele não se encerrou na torre de marfim da teologia acadêmica, porém prestou serviços sociais bem concretos na Alemanha e na Áustria durante a II Guerra Mundial. Ele refletiu simultaneamente os problemas pastorais, mas também não se furtou ao trabalho de câmara de toda a Igreja como conselheiro no Concílio. Ele realizou tudo isso a partir de um profundo estímulo espiritual. Sente-se isso até hoje em seus escritos, que se tornam emocionantes precisamente onde se torna nítida sua experiência espiritual – sejam apenas mencionados os sermões da época posterior à II Guerra Mundial *Von der Not und dem Segen des Gebetes* (Da necessidade e da bênção da oração), ou a conclusão de sua última grande palestra *Experiências de um teólogo católico*. Além de seus muitos trabalhos individuais – são mais de mil publicações – essa é sua herança não desgastada. A menção do escritor espiritual Karl Rahner não deve com isso desviar de seu considerável trabalho de pensador, nem de seus posicionamentos controversos, mas ela aponta para o cerne dessa teologia.

KARL RAHNER DEFENDEU IDÉIAS, ANTES DO TEMPO, CEDO DEMAIS!

Entrevista com Carlos Roberto Velho Cirne Lima

*O professor do PPG em Filosofia da Unisinos, Carlos Roberto Velho Cirne Lima conversou com IHU On-Line sobre o teólogo Karl Rahner. Cirne Lima é graduado em Filosofia pelo Berchmannskolleg Pullach Bei Muenchen, em Pullach (Alemanha), é doutor em Filosofia pela Universität Innsbruck, em Innsbruck, (Áustria) e obteve livre-docência pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS). Atualmente, o professor integra o PPG em Filosofia da Unisinos. Entre seus livros publicados, citamos **Realismo e Dialética. A analogia como dialética do Realismo**. Porto Alegre: Globo, 1967; **Sobre a contradição**. Porto Alegre: Edipucrs, 1993; e **Dialética para Principiantes**. 3. ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002. Ele concedeu uma entrevista na 80ª edição de **IHU On-Line**, de 20 de outubro de 2003, páginas 5-9, sob o título “As universidades perderam a unidade do saber”, sobre o curso de Filosofia da Unisinos e sobre os rumos da Filosofia hoje.*

IHU On-Line - Como o senhor conheceu Karl Rahner?

Cirne Lima- Eu fui aluno do Karl Rahner entre os anos 1954 e 1957. Estudei praticamente toda a teologia dogmática com ele, no período imediatamente anterior ao Concílio Vaticano Segundo. Nesse período, Rahner lecionava em Innsbruck, Áustria, três horas de aula por semana e, além disso, ministrava um seminário para doutorandos do qual eu fazia parte. Karl Rahner tinha um grupo de alunos colaboradores, que, junto com ele, estavam preparando os textos para o futuro Concílio. Rahner, na Áustria e Alemanha e De Lubac⁶ na França, esses grandes teólogos já estavam preocupados com a idéia de fazer um grande Concílio, que foi de fato o Concílio Vaticano Segundo, realizado na década de 1960⁷. Na França, na Alemanha e na Áustria, havia grupos de teólogos pensando e preparando os debates. O da Áustria era capitaneado por Karl Rahner. Eu fazia parte desse grupo junto com o hoje Cardeal Ratzinger⁸, todo poderoso chefe do Santo Ofício de Roma; com Hans Küng, que foi proibido de lecionar teologia católica, porque a Igreja não lhe permitia, e depois foi professor de teologia ecumênica. Era um grupo escolhido a dedo por Rahner que redigia os textos que ele mandava para o Cardeal König⁹, em Viena, do qual Rahner era íntimo colaborador. O Cardeal König estava liderando um grupo muito grande de bispos alemães e de alguns de outros países, preparando o Concílio. Eles tinham clareza de que esse Concílio deveria ser ecumênico e queriam preparar as suas bases doutrinárias. Pensavam que, rapidamente, em questão de poucos anos, se poderia reunir as igrejas católica e protestantes, a ortodoxa russa, a ortodoxa grega e logo chegar ao diálogo com o budismo e com religiões orientais, mas principalmente o budismo e o taoísmo. Mas, para atingir esse objetivo, era preciso repensar os dogmas católicos, a começar pelo primado da infalibilidade do Papa, pelo conceito de Espírito Santo na Igreja, pelo conceito de igreja universal e, nesse contexto, uma das coisas mais importantes que surgiu foi o conceito do cristão anônimo de Rahner.

IHU On-Line- Em que consistia esse conceito?

Cirne Lima- É uma doutrina de Rahner segundo a qual as pessoas que nunca ouviram falar de Cristo, mas praticam uma vida virtuosa, são cristãos. Então aquilo que outros teólogos diziam de alguns pensadores latinos, como, por exemplo, de Virgílio, eles o consideravam um protocristão, um cristão antes de Cristo. E assim outros grandes pensadores e poetas da antiguidade foram considerados por pensadores ecumênicos, como o Cardeal Cusano e outros,

⁶ Henri de Lubac, jesuíta francês, foi um dos grandes teólogos do século XX, autor de inúmeros livros e um dos grandes ‘experts’ do Concílio Vaticano II. (Nota do *IHU On-Line*).

⁷ O Concílio Vaticano II, foi convocado pelo papa João XXIII, em 25 de janeiro de 1959 e iniciou no dia 11 de outubro de 1962 e terminou no dia 8 de dezembro de 1965, quando era papa Paulo VI. O Concílio Vaticano II foi um acontecimento marcante na vida da Igreja. (Nota do *IHU On-Line*)

⁸ Joseph Ratzinger, teólogo alemão, posteriormente nomeado bispo, cardeal e presidente da Congregação para a Doutrina da Fé, que antigamente se chamava o Santo Ofício, tristemente famoso no tempo da Inquisição. (Nota do *IHU On-Line*).

⁹ Franz König, austríaco foi nomeado arcebispo de Viena, em 1956, pelo papa Pio XII e nomeado cardeal por João XXIII, em 1958. Foi, juntamente com os cardeais Alfrink, da Holanda, Suenens, da Bélgica, Lercaro, da Itália, Doepfner, da Alemanha, um dos grandes homens do Concílio Vaticano II. Faleceu no último mês de março, aos 98 anos de idade. Já arcebispo emérito, em 1999, concedeu uma entrevista à revista inglesa **The Tablet** onde defendia “a descentralização do poder do papa e da cúria romana. Por mais de mil anos os bispos foram eleitos pelos fiéis e confirmados pelo papa. Devemos retomar as formas descentralizadas das estruturas de comando da igreja, como se fazia nos primeiros séculos”. Era um grande estudioso das grandes religiões da humanidade. Ele organizou, em 1951, a obra, em três volumes, *Christus und die Religionen der Erde (Cristo e as religiões da terra)*. Numa das últimas declarações públicas dada por ele, logo depois do 11 de setembro de 2001, se contrapôs àqueles que defendiam “a superioridade da religião cristã”, apelando ao respeito à diversidade religiosa e distinguindo a fé autêntica do integralismo. (Nota do *IHU On-Line*).

como protocristãos. Rahner trabalhou muito esse conceito e o ampliou. Ele pressupõe uma doutrina sobre a igreja, sobre o Espírito Santo na igreja, sobre a catolicidade da igreja, porque a igreja para ser católica tem que ser abrangente, a igreja que não é abrangente, não é católica.

IHU On-Line – O que significa uma igreja abrangente?

Cirne Lima: A igreja católica tem que ser omnibrangente, contemplar a totalidade, essa é outra doutrina do Karl Rahner que está vinculada a essa doutrina do cristão anônimo. O Rahner, em todo este período em que eu estudei com ele, preparou, escreveu, revisou esses textos, com os alunos dele que eu citei. Eram textos preparatórios, enviados para o Cardeal König. Então aquela constituição sobre a Igreja que hoje está no Concílio Vaticano Segundo¹⁰, é uma transformação para o pior, na minha opinião, daquilo que Rahner fez.

IHU On-Line – Qual era o papel do Cardeal König e como ele e Rahner previam o desenrolar dos fatos?

Cirne Lima - O König é um padre secular, bispo, arcebispo de Viena, depois cardeal, grande teólogo. A especialidade dele era teologia e filosofia das religiões. O König tratava de todas as religiões. A grande obra dele é uma espécie de enciclopédia, dicionário de todas as religiões, das grandes religiões, que ele estudou na modernidade, provavelmente ninguém estudou tão a fundo como ele. Sabia-se, na época, que, após a morte do Papa, seria convocado um Concílio, muitos pensavam que a Igreja Católica poderia ficar ecumênica. Rahner e König pensavam assim, talvez de uma forma meio ingênua, que, em um ano, se conseguiria fazer a união com os luteranos e que em mais meio ano se faria a união com os anglicanos e que então em dois, três anos, haveria a união com a igreja grego-ortodoxa. Depois disso, o próximo passo, difícil mas necessário, seria a aproximação com o budismo e o taoísmo. Esse era o plano, Rahner estava empolgado por essas idéias teológicas ecumênicas.

IHU On-Line – Até a infalibilidade do Papa era questionada?

Cirne Lima – Sim, inclusive o Hans Küng, que fazia parte desse grupo, escreveu aquele livro sobre a infalibilidade do Papa, depois foi condenado exatamente por isso. Ele diminuía a infalibilidade do Papa Católico, dizendo: é infalível, mas tem que ser católico de todos os fiéis do mundo inteiro, de todas as religiões e não ser só o bispo de Roma. Aí começaram as divergências, entre, por um lado Rahner e Hans Küng, eu e, do outro lado, o Ratzinger que integrava esse grupo, no começo. Quando eu saí dos jesuítas, saí em função de dissensos, para usar a palavra bem suave, ocorridos dentro desse grupo. No ímpeto da juventude, eu era de opinião que devíamos ser mais duros, avançar mais rapidamente. Rahner dizia que tinha que ser mais devagar, e o Ratzinger já estava fazendo uma reviravolta para aquilo que podemos chamar de direita, para o conservadorismo católico.

IHU On-Line- O senhor acha que algumas das idéias que eram defendidas por Rahner prosperaram, estão presentes hoje na Igreja?

Cirne Lima- A teoria do cristão anônimo continua presente, mas não sei se é uma teoria aceita universalmente, por um motivo bastante simples. No Concílio, houve uma predominância do grupo conservador. O Ratzinger e o Rahner se desentendem, o Ratzinger era um discípulo do

¹⁰ Refere-se à constituição **Lumen Gentium**, (Luz dos Povos) emanada pelo Concílio Vaticano II e que trata da Igreja. Juntamente com esta mais três constituições emanaram do Concílio: **Sacrosanctum Concilium** que trata da questão da liturgia na Igreja, **Dei Verbum** que trata da leitura e exegese bíblica e a **Gaudium et Spes** que trata da missão da Igreja no mundo moderno. (Nota do **IHU On-Line**).

Rahner e, no Concílio, - ele ficou bispo, muito rápido, muito jovem – os dois brigaram, no sentido ideológico. O Rahner insistia em algumas doutrinas e o Ratzinger fez a virada conservadora que reina até hoje. Nessa altura, eu não estava mais nos jesuítas, eu não sou mais testemunha presencial.

***IHU On-Line* – Esses episódios ocorreram em que ano, que diz respeito à sua participação? Quando o senhor saiu da Companhia de Jesus, qual era a sua idade?**

Cirne Lima – Saí em 1960. Eu pedi demissão em 1958, mas fiquei dois anos a pedido dos superiores. Minhas divergências eram teológicas, eu não tinha nenhum outro problema. Eu fiquei um ano refletindo sobre esses problemas, mais um ano aqui no Brasil. Quando saí, tinha 29 anos.

***IHU On-Line* – Voltando à questão anterior: as idéias progressistas foram derrotadas?**

Cirne Lima - Como Ratzinger até hoje está no poder, ele é o chefe da mais importante Congregação em Roma que é a Congregação que substituiu o Santo Ofício, é ele que diz se uma coisa é católica ou não é católica, se é moral ou não é moral, então as teses desse grupo ficaram sob suspeita, ou não progrediram muito. O que aconteceu, na minha opinião, foi o seguinte: depois do Concílio Vaticano Segundo, todo mundo percebeu que ficou perigoso fazer teologia dogmática, teologia pensando como o Rahner pensava. O Rahner pensava filosofia como hoje nós pensamos filosofia, ou seja, era um pensamento vivo, e filosofia e teologia se entrelaçavam. E depois do Concílio o que aconteceu foi uma fuga para a teologia bíblica. Então a teologia dos últimos vinte, trinta anos, não produziu mais nenhum teólogo especulativo com a envergadura de um Rahner, ou Chenu¹¹, ou De Lubac, ou de qualquer um desses grandes de antigamente, porque o dissenso ocorrido mostrou que era perigoso fazer isso.

***IHU On-Line* – Qual foi o destino de Rahner?**

Cirne Lima - Quando termina o Concílio, Rahner está tão derrotado, que não volta para cátedra de Teologia de Innsbruck. Ele assume uma cátedra na Universidade de Munique, uma cátedra de cosmovisão cristã, coisa bem vaga, que antes era dada pelo Guardini. E mesmo nesta cátedra, como a Baviera é um Estado Alemão muito católico, muito conservador, mesmo nela Rahner é hostilizado. Ele então procura refúgio e a proteção de um aluno dele que era professor em Münster, Johann Baptist Metz, que escreveu sobre filosofia política e estava neste grupo conosco, foi professor inclusive do Urbano Zilles¹². Foi ele quem acolheu o Rahner lá no instituto dele. Rahner só sai de lá para morrer.

***IHU On-Line*- Qual é o legado de Rahner?**

Cirne Lima- O legado do Rahner é uma majestosa obra teológica que não venceu no Concílio Vaticano Segundo, mas que, quando houver qualquer virada da Igreja, vai ser a base de tudo, porque a Igreja não vai continuar sendo uma Igreja que ignora os protestantes os anglicanos, e no momento que começar essa virada, eles vão voltar ao Rahner, que vai se transformar num grande autor de tudo isso. Ele defendeu todas as suas idéias, podemos dizer, antes do tempo, era cedo demais para defender essas idéias. No exato momento em que as idéias ecumênicas vierem para o primeiro plano, os conservadores vão reparar que precisam pensar corretamente

¹¹ M.-D. Chenu, frade dominicano francês, foi juntamente com J.Y. Congar, também dominicano, Jean Danielou e Henri De Lubac, jesuítas franceses, e Karl Rahner, entre outros, um dos grandes teólogos do Concílio Vaticano II. (Nota do *IHU On-Line*).

¹² Urbano Zilles é professor da PUC-RS. (Nota do *IHU On-Line*).

coisas que são dogmas, que são doutrina, como a unidade da igreja e a infalibilidade do Papa. E ninguém tem uma doutrina sobre a infalibilidade do Papa que permita o movimento ecumênico, exceto o Rahner.

IHU On-Line - Essas idéias ecumênicas, quando o senhor fala da aproximação com as demais religiões e igrejas, elas preservavam, nos propósitos de Rahner, a autonomia dessas instituições?

Cirne Lima - Em parte. Rahner fazia exatamente uma síntese, ele levava o debate para um nível superior e fazia uma conciliação entre essas teorias. Isso se vê no livro de Hans Küng sobre a infalibilidade do Papa: o Papa é infalível, sim, quando fala em nome de todos os bispos, reunidos ou não em concílio, quando fala em nome de todos os fiéis de todos os lugares e de todos os tempos. Esta parte final a Igreja Católica de hoje não subscreve. Rahner introduziu isso, e se a Igreja definisse a infalibilidade assim, nenhum protestante teria nada contra, nenhum budista teria nada contra. No dia em que os movimentos ecumênicos ficarem mais fortes, os conservadores vão precisar de uma base pensante, de um pensamento que dê base para o movimento ecumênico. Não tem a menor dúvida de que o grande pensador que fez isso, que realizou isso na teoria, foi Karl Rahner. Então, essa é a importância de Rahner: ele é o grande pensador da Igreja Católica, no sentido de omniabrangente, ecumênica.

UMA TEOLOGIA QUE AJUDA A ENTENDER O ENVOLVIMENTO DE DEUS NA HISTÓRIA DO MUNDO

Entrevista com Rosino Gibellini

*O teólogo italiano Rosino Gibellini foi entrevistado, por e-mail, pelo IHU On-Line. Rosino Gibellini, é doutor em teologia e filosofia, dirige as coleções “Giornale di Teologia” e “Biblioteca de teologia contemporânea” da Editora Queriniana de Brescia, Itália. Trata-se de duas coleções das mais prestigiadas, teologicamente, no mundo. Gibellini é autor, entre outros livros, de **A teologia do século XX**, São Paulo: Edições Loyola, 1998.*

*Na editoria Teologia Pública da 60ª edição do IHU On-Line, de 19 de maio de 2003, publicamos a apresentação do livro organizado por Rosino Gibellini **Prospettive Teologiche per il XXI Secolo**(Prospetivas teológicas para o século XXI). Coleção Biblioteca di Teologia Contemporanea n.º 123. Brescia: Queriniana, 2003. Desse livro, publicamos, na 85ª edição, de 24 de novembro de 2003, um resumo do artigo do teólogo Dietmar Mieth, *Imagem do homem e dignidade humana: A perspectiva cristã da Bioética*, p. 213-226; e o artigo *O caráter hermenêutico da Teologia do teólogo e professor Dr. Werner Jeanrond, da University of Lund, Suécia*, p. 49-72, na 87ª edição, de 9 de dezembro de 2003. A obra organizada por Gibellini aponta para o tema central do **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI** que inicia hoje, em memória ao centenário de nascimento de Karl Rahner. Na edição n.º 90, de 1.º de março de 2004, traduzimos e reproduzimos um artigo de autoria de Rosino Gibellini, sob o título *A Teologia de Karl Rahner*.*

IHU On-Line- Como Karl Rahner definia a Teologia?

Rosino Gibellini- Para Rahner, a teologia tem sobretudo uma função nos confrontos da comunidade cristã a qual, no mundo, desenvolve múltiplas atividades: anuncia o evangelho, dá testemunho dele, celebra a salvação, desenvolve uma missão e uma múltipla ação caritativa, mas, para fazer isso, deve pensar. Esta é a tarefa da teologia: pensamento em função do anúncio e da atividade da igreja. Não se pode agir avisadamente sem pensar. O filósofo alemão Ernst Bloch admirava-se da força dialética que desenvolve a teologia cristã. Mas a teologia, para Rahner, tem uma outra função na sociedade secular: a teologia, por sua própria presença e atividade, impede que a razão secular seja desviada de sua orientação a uma ulterioridade, a um horizonte de transcendência, ao mistério, que mantém aberta razão aos valores absolutos da verdade, da justiça, do amor pelos outros, da coragem de viver e de morrer sem desespero.

A fé alarga e aprofunda a razão. Creio não ter havido nenhum teólogo católico que tanto tenha vivido no século XX a aliança entre fé e razão, e isso é um grande legado de Rahner para a teologia do século XXI.

IHU On-Line- De que forma ele concebia o diálogo ecumênico e inter-religioso?

Rosino Gibellini- Rahner deu uma grande contribuição, seja para o diálogo ecumênico, seja para o diálogo inter-religioso. Sobre o diálogo ecumênico escreveu o livro mais corajoso no campo católico (em colaboração com o teólogo de Munique, Fries), expressivo já no título, ***União das Igrejas, possibilidade real*** (1983), um ano antes de sua morte. O novo método é o de conciliar as diversidades que entretantes se afirmaram na história das confissões cristãs com um essencial acordo ecumênico sobre a verdade cristã. Não se trata de um retorno ao ovil católico, mas de uma verdadeira reconciliação. Rahner não só pensava que isso fosse possível, mas até urgente para a missão no mundo. Para o diálogo inter-religioso, ele elaborou a tese do “cristianismo anônimo”, antes árdua em sua exposição, mas para a qual tudo aquilo que existe de verdadeiro e bom nas religiões não cristãs é assumido e tornado salvífico pelo evento do Cristo. Aqui o debate avançou, e precisamente pelo “cristianismo anônimo” em direção a um “cristianismo relacional”, que é o projeto agora em fase de elaboração no âmbito da teologia cristã.

IHU On-Line- Alguns autores afirmam que Rahner saiu derrotado do Concílio Vaticano II, como o senhor vê essa afirmação?

Rosino Gibellini- Rahner trabalhou muito no Concílio como perito do cardeal de Viena, Franz König, recentemente falecido em avançada idade. Certamente pensava que o concílio avançasse mais. Numa carta dele, publicada, fala do Concílio como “o início do início”, mas depois é preciso consultar os 16 volumes dos seus *Escritos teológicos: 1954-1984*, onde quase todas as temáticas conciliares são retomadas e aprofundadas. Sua grande intuição, que se realizou no Concílio, ao menos germinalmente, foi a *Weltkirche*, a Igreja mundial, que vive em diversos contextos culturais e sociais, para os quais a igreja ocidental não representa mais a mãe das outras igrejas, mas a irmã mais velha (por força da história até agora desenvolvida, que viu os textos conciliares escritos primeiro em língua grega e depois em língua latina) das outras igrejas cristãs, que vivem agora num novo horizonte de catolicidade. Daqui abrem-se cenários inéditos para o caminho da Igreja nos próximos decênios.

IHU On-Line- Em recente entrevista ao IHU On-Line, o teólogo Jürgen Moltmann disse que Karl Rahner e ele tinham uma discordância em relação ao “sofrimento de Deus” ou à “incapacidade divina de sofrer”. Disse Moltmann: “Estive totalmente em desacordo com seu “Deus impassibilis” e ele, com meu “Deus crucificado”. No entanto, discórdias teológicas são boas quando são pela verdade. Qual é sua opinião?

Rosino Gibellini- Sobre este ponto existe efetivamente uma disputa entre Rahner e Moltmann, a propósito do sofrimento em Deus. Rahner é um teólogo mais clássico do que Moltmann, que é um teólogo mais inovador. Para Rahner, na linha da teologia calcedonense, o sofrimento é da natureza humana, assumida pelo Verbo, e por isso é possível uma via de resgate do sofrimento por esta assunção, mas o sofrimento permanece no âmbito da natureza humana (assumida pelo Verbo). Moltmann lança-se além: ele escreveu um livro de grande impacto: ***O Deus crucificado*** (1972)¹³, onde dialoga com a teologia hebraica, em particular com Elie Wiesel e

¹³ Confira a entrevista de Jürgen Moltmann, um dos maiores teólogos vivos, no *IHU On-Line* n.º 94, de 29 de março de 2004. Desse autor a Editora Unisinos publicou o livro ***A vinda de Deus. Escatologia cristã***, São

com Martin Buber, do qual assume o conceito do *pathos* de Deus. Em Jesus é Deus mesmo que sofre. Certamente é o sofrimento patético conexo com o amor: onde existe o amor, existe a capacidade de sofrimento, e assim o próprio sofrimento como sofrimento do amor é assumido no próprio Deus: a paixão do mundo é assumida em Deus. Poder-se-ia dizer: indiretamente em Rahner, diretamente em Moltmann. Mas, num e no outro caso, existe a possibilidade de resgate e de sentido. Eu estou mais próximo da posição de Moltmann, mas espera-se ainda um estudo aprofundado que avalie as duas contribuições em suas implicações no dogma da encarnação. Mas, é bom que, em teologia, haja opiniões até discordantes, que trazem acentuações diversas na reflexão do pensamento cristão.

IHU On-Line- Como essas idéias ajudam a compreender, em um século de grandes holocaustos, o “silêncio de Deus”?

Rosino Gibellini- Essas teorias teológicas ajudam a pensar o envolvimento de Deus na história do mundo e a dar um sentido ao sem-sentido, caso contrário, as catástrofes permaneceriam apenas catástrofes sem sentido. Para o dogma cristão, as catástrofes são assumidas numa história maior e mais profunda, é a história de Deus com o mundo, que dá sentido e salvação até à insensatez humana. A história humana é assim inserida na história da salvação. Não é uma inserção indolor, como o demonstra a paixão de Cristo e sua morte na cruz. Rahner e Moltmann oferecem duas variantes desta inserção salvífica da história humana numa história da salvação. Em definitivo, a cruz é a palavra de Deus ao mundo, sempre presente e sempre eloqüente. A paixão do mundo, segundo uma bela expressão de Moltmann, está escondida aos pés da cruz, e assim resgatada de sua insensatez.

IHU On-Line- A Teologia de Rahner teria algo a dizer para um mundo que gera cada vez mais miséria?

Rosino Gibellini- Sobre estes temas expressaram-se com mais vigor outras teologias ou modalidades de fazer teologia, como a teologia latino-americana, a teologia africana, a teologia asiática e a teologia feminista, surgidas dos anos 1960/1970 em diante. Rahner tratou prevalentemente dos temas conexos com aquela que vai sob o nome de “virada antropológica em teologia”, isto é, a teologia deve dar a compreensão da existência humana. Sobre o social, Rahner foi menos inovador, mas pertencia a uma geração diversa, embora seja preciso recordar sua contribuição aos diálogos com os marxistas, sua defesa, nas últimas semanas de sua vida, da teologia da libertação: há páginas políticas na obra de Rahner, que, no entanto, foram desenvolvidas por seu discípulo Metz e depois por Moltmann, naquela corrente muito rica de reflexão denominada “teologia política” e é particularmente atenta às dimensões sociais da mensagem cristã. Surgiram depois outras teologias continentais, que respondem às novas necessidades e aos novos contextos. Atualmente deve-se falar de teologias no plural, sobretudo na época da pós-modernidade.

IHU On-Line- Qual tem sido a mais importante contribuição do teólogo Yves Congar, que também estaria completando cem anos? Podemos estabelecer algumas semelhanças e diferenças entre os dois teólogos?

Rosino Gibellini- Congar e Rahner são dois teólogos diversos, ou antes, complementares. Congar é histórico e eclesiológico, sua paixão era a unidade dos cristãos, ensinou o

Leopoldo, 2003. Está sendo publicado mais um livro, proximamente, do mesmo autor, na Coleção Theologia Publica da Editora Unisinos, sob o título *Experiências de reflexão teológica. Caminhos e formas da Teologia Cristã..* (Nota do *IHU On-Line*)

ecumenismo a toda a igreja católica, seu tema era a reforma da igreja a ser entendida em sentido católico. Rahner é um teólogo dogmático que renovou a dogmática católica: seu front é a missão no mundo na época do secularismo e do pluralismo. Nesse sentido, são complementares, e tal complementaridade a exercitaram na criação da revista internacional de teologia, *Concilium*¹⁴, fundada em 1965. Solidários ambos em sofrer por sua igreja, que os censurou diversas vezes, mas eles viam muito longe. São os novos profetas da igreja católica no século XX.

IHU On-Line - Qual é a herança mais importante de ambos os teólogos que devem ser aproveitadas pela universidade?

Rosino Gibellini- O legado de Congar para a universidade é o amor aos estudos históricos para uma reconstrução do passado, não como fim em si mesmo, mas para a reforma da igreja e a recomposição das divisões intervindas no passado. O legado de Rahner para a universidade é o diálogo com as filosofias e com o pensamento. Rahner dialogou sobretudo com Kant e com Heidegger, mas com liberdade e simultaneamente com plena consciência. É uma tarefa a prosseguir, sobretudo no tempo da pós-modernidade, que é tempo do pluralismo da conversação humana. Toda grande teologia é hoje chamada a traçar linhas de espiritualidade. A espiritualidade de Congar é a “paixão pela unidade”. Nesse sentido, gostaria de recomendar o pequeno volume ***Cette Église que j'aime*** (Esta Igreja que eu amo). A espiritualidade de Rahner é a de saber colher a proximidade do santo mistério na própria vida, nas coisas de cada dia, e então seria o caso de recomendar o belo opúsculo ***Cose d'ogni giorno*** (Coisas de todo dia). Mas, é preciso voltar a reler estes clássicos do nosso tempo.

A TEOLOGIA E A TEORIA SOCIAL. PARA ALÉM DA RAZÃO PÓS-MODERNA

Entrevista com John Milbank

*O teólogo anglicano e teórico inglês John Milbank ministrará a conferência A teologia e a teoria social. Para além da razão pós-moderna. Desafios e perspectivas. Uma leitura teológica da pós-modernidade a partir da cultura anglo-saxã, na manhã da próxima quarta-feira, dia 26 de maio, durante o **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**. Ele respondeu ao **IHU On-Line**, por e-mail, algumas questões sobre Karl Rahner.*

*Nascido no norte de Londres, e conhecido como um dos teólogos cristãos mais proeminentes e controversos do mundo, atualmente é professor de Teologia na Universidade de Virginia, nos Estados Unidos. É autor de, entre outros, **Theology and Social Theory: Beyond Secular Reason** (Teologia e teoria social: além da razão secular) Blackwells, 1993, um estudo influente da relação entre a teologia cristã e a história da teoria social e política ocidentais. Este livro foi traduzido e publicado no Brasil sob o título **Teologia e Teoria Social. Para além da razão secular**, São Paulo: Loyola, 1995. O **IHU On-Line**, n.º 24, de 1.º de julho de 2002, reproduziu a longa resenha desse livro feita por Henrique C. de Lima Vaz.*

*Além desse livro, Milbank também é autor dos seguintes livros: **The World Made Strange: Theology Language and Culture** (O mundo tornou-se estranho: língua teológica e cultura) Blackwell, 1997; é co-editor de **Radical Orthodoxy: A New Theology** (Ortodoxia radical: uma nova teologia) Routledge, 1999; e co-autor de **Truth in Aquinas** (Radical Orthodoxy) (Verdade em Aquinas) Routledge, 2001. Escreveu também um livro de poemas intitulado **The Mercurial Wood**. Seus livros mais recentes são **Being Reconciled: Ontology and Pardon**, Ed. Routledge, 2003. 256p; e **Theological Perspectives on God and Beauty** (escrito com Edith Wyschogrod e Graham Ward) Editora: Trinity Press International, 2003, 96p.*

¹⁴ A versão portuguesa da revista **Concilium** é publicada pela Editora Vozes. (Nota do **IHU On-Line**).

John Milbank estudou em Oxford, em Cambridge e em Birmingham, e ensinou em Lancaster, e em Cambridge. Suas áreas de interesse combinam a teologia sistemática, a filosofia política e a teologia histórica. A entrevista a seguir está disponível em sua versão original, em inglês, no sítio www.ihu.unisinos.br

IHU On-Line- Qual o senhor considera que foi a principal contribuição de Karl Rahner?

John Milbank- Junto com vários outros predecessores e contemporâneos – Blondel, Marechal, de Lubac, Gilson – Karl Rahner abriu caminho para uma fusão dos horizontes da teologia e da filosofia, que mais tarde permitiu a Gustavo Gutiérrez, no Peru, ultrapassar o modelo de ‘distinção de planos’ no pensamento social católico, que delineava demasiado severamente uma distinção entre questões pertencentes a este mundo e questões pertencentes ao mundo sobrenatural. Não obstante, eu penso que Rahner é agora encarado, ampla e corretamente, na Europa e na América do Norte como atualmente mais conservador do que Blondel e de Lubac, e mesmo, num certo grau, do que Von Balthasar. Previamente, sua tentativa de reconciliar o Aquinate com Kant deu a impressão de ser a marca de seu progressismo. Hoje, ao contrário, na esteira do trabalho histórico realizado por pessoas como Honnefelder e Courtine, podemos ver que Rahner favoreceu Kant precisamente por causa dos elementos neo-escolásticos residuais em sua obra, enquanto Kant foi, em última análise, um neo-escolástico bastante tardio. As subestruturas da obra de Kant permaneceram escotistas e suarezianas e sua virada “transcendental” apenas contribuiu para completar as conseqüências lógicas da distinção formal escotista, da ontologia unívoca, do representacionalismo em epistemologia e redução da importância da teologia. Uma armação transcendentalista como a favorecida por Rahner ainda assume uma forte dualidade natureza/gracia, já que ela começa freando a questão da dimensão criatural da realidade. Contrastantemente, Blondel e de Lubac iniciaram mais consistentemente com a orientação natural paradoxal da humanidade para o fim sobrenatural, enquanto Przywara iniciou com a analogia entis que estabelece uma divisão entre a teologia natural e a revelada, e Gilson iniciou com a metafísica do ser (*esse*), que deve algo à Bíblia (uma vez que o Novo Testamento já foi influenciado pelos *Septuaginta* (Setenta), bem como à tradição filosófica. A teologia política deveria agora proceder dentro deste terreno, e não do terreno de Rahner, já que isso tende a confirmar a incapacidade da teologia para criticar certos pressupostos seculares. Mas eu digo isso, vendo que uma aproximação mais teológica à teoria social vai liberar “mais”, e não menos, opção social radical.

IHU On-Line- Considera que Rahner contribuiu para o diálogo entre ciência e teologia?

John Milbank- Desde o início, gostaria de alertar que eu não penso que Rahner atualmente tenha tanto a ensinar-nos a esse respeito. A teologia deve insistir em sua válida função dentro da universidade secular, junto com o desenvolvimento de outros discursos religiosos, por exemplo, aqueles do Islã e do Budismo. Ela deveria apelar para o fato de que nenhum discurso é isento de pressuposições nem livre de uma tradição assumida. Além disso, se somente forem permitidas acepções seculares, isso é equivalente a uma legitimação do niilismo, já que, sem referência a algum pensamento último não-humano, tudo é ‘repleto de vaidade’, como Jean-Luc Marion o expressa, e se desvanece no vazio. A teologia deve insistir que ela oferece a alternativa da tendência de ‘salvar as aparências’ de qualquer coisa. Argüindo que o mundo material dos corpos em última análise tem pensamento, a teologia ingressa na última realidade do mundo material. Ela deveria apresentar-se como o materialismo real e argüir que, sem avançar com essa alternativa para o niilismo, as universidades poderiam desencadear todo o debate real e substantivo e assim desenvolver sua finalidade real.

IHU On-Line- Qual é o papel da Teologia e da Universidade em um mundo no que cresce a pobreza e a injustiça?

John Milbank- O poder do capitalismo e da burocracia estatal tornou-se agora tão total e monstruoso, que freqüentemente a única oposição para a sobrevivência é a oposição intelectual. Isso pode parecer um tanto ralo e desesperançoso em seu caráter. No entanto, a maior 'informação' torna-se a força motriz da economia (subscrevendo ultimamente a terrível pobreza do terceiro mundo, à qual os segmentos mais tradicionais da economia são crescentemente confinados), o que mais podemos ver é que as universidades conectam com produção e troca de maneira direta. O conhecimento e a busca da verdade tornou-se agora também capitalizada e corrompida. Mas, precisamente porque isso ocorreu, e porque essa corrupção torna-se agora indiscutivelmente a corrupção fundamental, as universidades tornam-se lugares cruciais de luta. Elas estão sempre melhor posicionadas para obter elos globais e co-ordenação. É especialmente importante que ela seja uma comunidade acadêmica global. Tanto o Sul como o Norte global.

IHU On-Line - Que relações podemos estabelecer entre teologia, teoria social e pós-modernidade?

John Milbank- O principal desafio para a teologia em relação com a teoria social numa situação pós-moderna é dar-se conta que nenhuma teoria social é 'inocente' em termos de teologia ou anti-teologia em qualquer sentido, porque inversamente qualquer teologia é também nela mesma uma teoria social, enquanto ela é uma eclesiologia – sendo dado que a Igreja numa autêntica visão cristã não é uma instituição, mas antes a verdadeira sociedade humana universal – o “Reino” – em embrião.

IHU On-Line- Em um mundo globalizado em que a miséria cresce a cada dia, quais são os caminhos possíveis e necessários para a reflexão ética e moral?

John Milbank- Necessitamos acima de tudo, na esteira de teóricos como MacIntyre¹⁵ e Taylor¹⁶, perceber que a maioria das teorias éticas contemporâneas argumentam além da realidade do bem, fazendo algo que é moralmente neutro, como 'a vontade' do 'bem-estar material' ou o 'impulso humano fundamental', a fundação da moralidade e seu secreto coração não-moral. Kant e Hume e o consequencialismo devem todos ser abandonados. Suas perspectivas são incompatíveis ambas com uma perspectiva católica e com as ordinárias concepções de todos os seres humanos, quando eles falam sobre o que é 'bom'. Falar isso implica que um modo 'limpo' de as criaturas serem, e de que isso não é algo inventado pelos seres humanos. Por essa razão, não pode haver uma ética concebível fora de uma visão religiosa.

IHU On-Line- Quais são os principais desafios impostos pela pós-modernidade à Teologia e à Universidade?

¹⁵ Alasdair MacIntyre é professor de filosofia na Vanderblit University, EUA e autor de **Marxism and Christianity** e **Against the Self-Images of the Age**. É autor também do importante livro **After Virtue**, publicado em 1981, pela primeira vez, e que foi traduzido no Brasil sob o título **Depois da Virtude**, Bauru: Edusc, 2001.(Nota do *IHU On-Line*).

¹⁶ Charles Taylor, filósofo canadense, é autor de vários livros entre os quais se destaca: **Sources of the Self. The Making of the Modern Identity**, editado em 1989 e traduzido para o português sob o título **As fontes do self. A construção da identidade moderna**, São Paulo: Loyola, 1997. Também é o autor do livro **The malaise of modernity**, publicado em 1991 e traduzido para várias línguas. No espanhol o livro se intitula **La ética de la autenticidad**, Barcelona:Ediciones Paidós, 1994. (Nota do *IHU On-Line*).

John Milbank- Como disse Alain Badiou¹⁷, estamos hoje divididos entre crenças vazias e formalistas – por exemplo, nos ‘direitos’, que não faz e jamais pode fazer algo para aceitar, por exemplo, a prática de tortura – de um lado, e do outro lado, entre concretos engajamentos totalmente atávicos e fetichistas. Em face disso, necessitamos realmente ‘o concreto universal’. Crescentemente, mesmo alguns ateus, como o próprio Badiou, meio reconhecem que o nome de tal universal é Cristo, e que o esclarecimento é apenas uma débil paródia do verdadeiro universalismo católico, o único que pode salvar o ser humano.

IHU On-Line- Em que sentido o cristianismo pode ser hoje uma contracultura e uma força de resistência ao poder hegemônico?

John Milbank- Como acabo de mencionar, a cristandade é afinal o âmago esquecido da civilização ocidental e por isso agora global, e, ao mesmo tempo, a última realidade contracultural que ainda não completou sua obra de subverter o monoteísmo judaico e o politeísmo pagão, enquanto sustenta e renova os melhores instintos de ambos os legados. Não me parece, por exemplo, que os católicos poderiam simplesmente opor as “divindades” amplamente reconhecidas no Brasil, mas deveriam antes ver esta circunstância como uma oportunidade para reinsistir na importância da anjologia e na verdade de que Deus é “Um” num simples sentido que totalmente transcende o contraste usual do uno e do múltiplo. Eu acredito que nós precisamos “ambos” insistir que a Cristandade Católica é o único caminho para toda a humanidade “e” que ele pode abraçar diversos mistérios locais, ou nem tanto, (incluindo aqueles do judaísmo) que incessantemente enriquecem nosso entendimento do mistério uno do Deus uno que um dia chegou no tempo e que sempre continua chegando.

CULTURAS E RELIGIÕES ESTÃO DIALOGANDO CONSTANTEMENTE

Entrevista com Michael Amaladoss, S.J.

Diretor do Instituto para o Diálogo com Culturas e Religiões, em Chennai, na Índia, o Prof. Dr. Pe. indiano Michael Amaladoss, S.J. concedeu uma entrevista por e-mail ao IHU On-Line. Ele estará presente no Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI, que inicia hoje, 24 de maio, na Unisinos, ministrando a conferência A teologia das religiões e a teologia na universidade, na noite da terça-feira, dia 25 de maio.

*Michael Amaladoss é Ph.D. em Teologia Sistemática pelo Institut Catholique de Paris, na França, além de professor de Teologia no Vidyajyoti College of Theology, em Delhi, na Índia. Amaladoss escreveu muitos livros e artigos sobre espiritualidade e diálogo inter-religioso. Entre eles citamos: **Faith, Culture and Inter-Religious Dialogue. Ideas for Action** (Fé, cultura e diálogo inter-religioso. Idéias para a ação). Nova Delhi: Indian Social Institute, 1985; **Making All Things New. Dialogue, Pluralism and Evangelization in Asia** (Fazendo novas todas as coisas. Diálogo, pluralismo e evangelização na Ásia). Edição indiana: Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1990. Edição internacional: Maryknoll: Orbis Books, 1990. **Inigo in India. Reflection on the Ignatian Exercises by an Indian Disciple** (Inigo na Índia. Reflexões dos exercícios ignacianos por um discípulo indiano). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992; **Walking Together. The Practice of Inter-Religious Dialogue** (Caminhando juntos. A prática do diálogo inter-religioso). Anand: Gujarat Sahitya Prakash, 1992. Traduzido para o português sob o título **Pela Estrada da Vida**. São Paulo: Paulinas, 1995.*

¹⁷ Alain Badiou é autor, entre outros livros, de **Saint Paul. La fondation de l'universalisme**(São Paulo. A fundação do universalismo), Paris: PUF, 1997, 1ª. Edição; 1999, 3ª. Edição. Cf. também o livro **Alain Badiou no Brasil**. Apresentação e organização Célio Garcia, Autêntica: Belo Horizonte, 1999. (Nota do **IHU On-Line**).

Seus livros mais recentes são *Making Harmony. Living in a Pluralist World* (Delhi: ISPCK, 2003); e *The Dancing Cosmos. A Way to Harmony* (Delhi: ISPCK, 2003).

IHU On-Line - Qual é a contribuição de Karl Rahner para a teologia e a sociedade?

Michael Amaladoss- Eu penso que Karl Rahner contribuiu para a teologia e a sociedade em três importantes dimensões. Sua reflexão teológica sempre foi contextual. Ele procurava responder às questões que o povo perguntava em sua época e suas implicações teológicas. Ele respondia a essas questões de maneira racional, compreensível para cada um, mesmo aqueles que acreditavam de maneira diferente. Sua teologia estava direcionada para uma profunda espiritualidade como forma de vida.

IHU On-Line- Em que sentido contribui para o “diálogo da teologia com a ciência e a universidade”?

Michael Amaladoss- Rahner não dialogou tanto com as ciências físicas. Mas para ele a própria teologia era uma ciência – uma “ciência humana”. Ele dialogava com os filósofos de sua época. Esse diálogo se dirigia para o coração da universidade. A reflexão de Rahner sobre criação-evolução é um bom exemplo.

IHU On-Line- De que forma a teologia e a universidade podem e devem ajudar a mudar os rumos de injustiça social da contemporaneidade?

Michael Amaladoss- A teologia e a universidade deveriam procurar responder às questões e refletir sobre os problemas do mundo real. Num mundo injusto, não haverá bons projetos econômicos e políticos a oferecer. Mas elas não devem insistir na justiça, e em perspectivas e valores morais e éticos, além de explorar os fundamentos filosóficos, teológicos e espirituais desses valores.

IHU On-Line- Que características o senhor vê como indispensáveis para uma teologia das religiões e uma teologia na universidade?

Michael Amaladoss - Teologia é a busca por “Deus”. Deus está além de todas as nossas imaginações e raciocínios. Deus manifesta-se por diferentes caminhos para diferentes povos. Um povo diferente busca Deus por caminhos diferentes. A teologia das religiões e a teologia na universidade devem reconhecer e aceitar essa diversidade e envolver-se num diálogo, no contexto da busca compartilhada por opinião e satisfação.

IHU On-Line- A metade da população está na Ásia, qual é o papel desse continente no contexto mundial atual?

Michael Amaladoss - Tanto a Índia como a China têm mais de um bilhão de pessoas. Elas possuem ricas tradições culturais e religiosas que retrocedem milênios. Hoje, elas estão explorando trilhas econômicas mistas – combinando capitalismo e socialismo – para atender as necessidades dos pobres. Precisamente nesta semana, a Índia teve eleições nacionais e o povo (60 milhões de eleitores) rejeitou o governo central e vários governos estaduais que não atendiam às necessidades dos pobres. Eu penso que as culturas e religiões da Índia e da China são mais comunitárias e menos individualistas. Eles também podem humanizar sistemas econômicos e políticos baseados em valores “seculares” (ateus).

IHU On-Line- A Índia poderia caminhar em direção a um projeto alternativo de desenvolvimento que não imite os países de Ocidente e não ponha em risco, mais ainda, o meio ambiente?

Michael Amaladoss - Não é correto situar na Índia (ou em outras nações em desenvolvimento) a tarefa de suprir o desenvolvimento e consumo desenfreado e sem princípios das nações euro-americanas ricas e dominantes. Se alguém deve escolher entre vida – sobrevivência – e qualidade de vida, a escolha é óbvia. Se a Índia pode atender às necessidades básicas de seu povo – os pobres – ela pode pensar em modelos alternativos de desenvolvimento.

IHU On-Line-- Qual poderia ser o papel das religiões numa renovação ética da humanidade?

Michael Amaladoss- Hoje as próprias religiões necessitam de conversão. Elas tendem a justificar as correntes estruturas econômicas, políticas e sociais injustas. Elas facilmente suportam violência contra outros crentes que são demonizados. Cada religião tem, por exemplo, seus profetas que são sensíveis à presença de Deus e seu plano para o mundo e eles se preocupam com os pobres e os oprimidos. São estas pessoas, inspiradas pelo Espírito, quem podem contribuir para uma renovação ética da humanidade. Elas podem ser encontradas em todas as religiões. Não penso que as religiões como instituições possam ajudar muito.

IHU On-Line- Em que a teologia e a cultura asiática podem enriquecer-se mutuamente?

Michael Amaladoss - Os asiáticos são povos profundamente religiosos. Eles tornam o diálogo inicial entre culturas e religiões mais fácil, embora os problemas não estejam ausentes. Cultura e religião não são realmente diferentes. Enquanto a cultura procura tornar a vida e o mundo significativos, a religião enfoca pensamentos definitivos. Assim, elas estão dialogando constantemente. O problema com o Ocidente é que este vínculo entre cultura e religião é negado. A cultura está “secularizada” e a religião “privatizada”. Um vínculo entre cultura e religião não é possível, se uma busca por uma perspectiva última e definitiva na vida não é restaurada. Definitiva não significa “de outro mundo” ou “pós-morte”. Perspectivas últimas simplesmente se estendem além do mundo material para o mundo humano e social, no qual se encontra o divino, como poder imanente-transcendente.

DESTAQUES DA SEMANA

Livro da semana

Gianni Vattimo, Dopo la Cristianità. Per un cristianesimo non religioso, Roma:Garzanti, 2002. Tradução francesa: Après la chrétienté. Pour un christianisme non religieux. Paris: Calmann-Lévy, 2004.

COMO PENSAR O RELIGIOSO NA PÓS-MODERNIDADE

*Traduzimos a resenha de Robert Maggiori do novo livro de Gianni Vattimo **Après la chrétienté. Pour un christianisme non religieux** (Depois da cristandade. Por um cristianismo não religioso). Paris: Calmann-Lévy, 2004. **Libération**, 04-3-04. Não existe ainda uma tradução portuguesa do livro. Uma oficina proposta no Simpósio Internacional O lugar da Teologia na Universidade do século XXI, proporá a discussão deste livro e **Espérer Croire**, do mesmo autor. De Gianni Vattimo, o **IHU On-Line** publicou uma entrevista intitulada “O cristianismo é a religião da pós-modernidade”, na 88ª edição, de 15 de dezembro de 2003.*

O mais difícil, em relação a Gianni Vattimo, é saber onde ele está. Se a Juventus disputa um *match* da Champions League, podemos estar certos de que estará diante de uma televisão. Mas, televisões há em todos os lugares. No fim de semana, temos uma pequena chance de encontrá-lo em Turim, cidade onde nasceu, em 1936, e onde se formou, fazendo com Umberto Eco as disciplinas de estética de Luigi Payreson, onde ensinou, onde foi reitor da faculdade de letras e de filosofia, onde ensina ainda quando não está envolvido com outras coisas. O resto do tempo, se não está em Bruxelas para fazer seu trabalho como deputado europeu, mora nos trens expressos ou aviões, que o levam, como *visiting professor* e conferencista, a Paris, Roma, Berlim, Nova York, Barcelona... Para segui-lo na pista escrita, que ele deixa como editorialista, é preciso ler a imprensa italiana (***La Stampa***, ***L'Espresso***), espanhola (***El País***) ou argentina (***Clarín***). Saber “onde está”, conhecer sua posição no espaço político e filosófico não é, aparentemente, mais fácil.

Inicialmente militante do Partido Radical de Marco Pannella e Emma Bonino – no tempo das grandes lutas pelos direitos civis – Gianni Vattimo foi eleito deputado pelos Democratas de Esquerda (DS), derivação adocicada do venerável Partido Comunista Italiano fundado por Antonio Gramsci, no interior da coalizão que Romano Prodi levou à vitória contra Silvio Berlusconi. Em vista das futuras eleições, ele reúne - mas as coisas estão ainda em vias de se fazer, entre mil polêmicas -, os comunistas italianos de Armando Cossutta, um pequeno partido, inflexível, que permaneceu preso aos ideais da Revolução de Outubro. Por outro lado, ele continua sendo o convidado permanente da Direção Nacional da Coordenação Homossexual (CODS) e continua a batalha pelo reconhecimento dos direitos homossexuais que ele começou nos anos 1960 e que o levou, sofrendo ele mesmo os efeitos da incompreensão, senão da repressão da Igreja, de seu autoritarismo quanto às questões da moral sexual, a sair da Ação Católica, na qual, como dirigente dos estudantes católicos, trabalhou por uma “abertura à esquerda”. Ao ler seus últimos livros, ***A religião*** (São Paulo: Estação Liberdade, 2000), organizado com Jacques Derrida, ***Esperer Croire*** (Paris: Seuil, 1998) ou ***Après la chrétienté***, poderíamos pensar que, do ponto de vista filosófico, Vattimo parece fazer um percurso inverso, e, da hermenêutica de Gadamer, de Heidegger e de Nietzsche da “morte de Deus”, pois, a retornar a um pensamento que, golpeado pela “queda da razão”, reencontrará vigor na fé e no poder dos valores cristãos.

O subtítulo de ***Après la chrétienté***, dissuade, portanto, de aderir facilmente à idéia de um tal “retorno”: “Por um cristianismo não religioso”. E, de fato, Vattimo quer esboçar a “imagem de uma religiosidade pós-moderna” onde “razão” e “fé” não terão mais o mesmo sentido, onde “crer em Deus” não significará mais colocar a existência de um fundamento último nem de uma “estrutura metafísica absoluta do real”, onde “não crer em Deus” não será mais possível, se entendermos por isso a “crença” segundo a qual a Razão será capaz, apenas, de dar “uma representação coerente, unitária, rigorosamente fundada, das estruturas estáveis do ser”. Desta dupla impossibilidade tentamos hoje sair. “A especialização das linguagens científicas, a multiplicidade das culturas (que não são mais unificadas hierarquicamente pelo mito eurocêntrico do progresso), a fragmentação das esferas da existência e o pluralismo babélico da sociedade do modernismo tardio tornaram de fato impensável uma ordem unitária do mundo”, arruína todas as “metanarrativas”, como tem dito Lyotard, que pretendiam traduzir a estrutura piramidal do ser, destruir a idéia de uma verdade estável e peremptória que o entendimento tinha a função de refletir e a ética de respeitar.

Daí a “confusão”, a desorientação das sociedades ocidentais, na qual os iluministas tinham matado Deus, na qual a história desconcertada não sabia mais para onde ir, e na qual a deusa Razão explodia em milhares de dialetos. Daí também, correlativamente, o “retorno do religioso”,

o recurso, tanto na esfera privada como na esfera pública, e na cena política, a um Deus restaurado com todo o seu poder, garante da ordem do mundo e de sua essência, dador de sentido, primeira e última palavra de tudo. Um retorno agressivo não obstante, propriamente reacionário, porque nega, para retomar o título do antigo livro de Vattimo, as “aventuras da diferença” e o fim da metafísica que assinala a modernidade, porque restitui integralmente a Deus, inclusive o “Deus moral”, todas as suas prerrogativas, mesmo a de deter uma verdade absoluta e a lei à qual tudo deve ser submetido, as escolhas éticas de cada um assim como as justificativas de uma guerra.

A “morte de deus” anunciada por Nietzsche abriu, portanto, duas vias tão perigosas tanto uma como a outra. Se “Deus está morto”, ou seja, se a filosofia a assumiu que ela não pode conhecer com certeza nenhum fundamento último, como evitar o desencantamento, a desorientação moral, o “relativismo liberal” que faz tudo equivaler? Se “Deus está morto”, isto é, se os próprios fiéis mataram o Deus da Bíblia, “o Deus que somente se dá a nós no livro”, o Deus da Encarnação, o Deus cujo Filho renuncia à sua própria onipotência divina para fazer-se homem, fraco no meio dos fracos, como evitar que ressuscite, forte, violento e peremptório, no integrismo e no fundamentalismo? Podemos, mesmo tendo de um lado os valores autênticos do cristianismo, desenterrados, e, do outro, a secularização e uma “filosofia pós-metafísica”, encontrar um caminho que passe entre esses dois fatos? Este é o sentido de todo o esforço de Gianni Vattimo.

O conceito-chave que o pensador de Turim usa é o de “enfraquecimento”, “debilidade”. Vattimo sempre concebeu sua atividade de homem político como um meio de lutar contra os dogmatismos e os autoritarismos que alimentam a violência, os medos e as injustiças sociais. Como filósofo, professor de estética, ele primeiramente interpretou a hermenêutica de Hans Georg Gadamer (de quem foi aluno em Heidelberg, traduziu algumas obras e introduziu o pensamento na Itália), reforçando a relação dessa com o niilismo, entendido como “enfraquecimento” das categorias ontológicas usadas pela tradição metafísica, depois criticadas por Nietzsche e Heidegger. Mas, o que Vattimo entende por “pensamento fraco”, expressão lançada na obra coletiva de 1984 (**Il pensiero debole**. 8 ed. Milão: Feltrinelli, 1990) que dirigiu com Pier Aldo Rovatti, se vê melhor se pensamos na arte, que oferece um modelo poliédrico de “verdade”, suscetível de receber um número infinito de interpretações. Com efeito, o “pensamento fraco” se exerce no vazio deixado pela dissolução do “comitê central” da Razão, capaz de dar inteiramente conta da realidade, o eclipse dos princípios fundadores intangíveis, valores absolutos, das leis inelutáveis da história, e tornando-se o apanágio do homem pós-moderno que deve ler o mundo sem arrogância ou agressividade, com modéstia, com “temor e tremor”, como diria Kierkegaard, porque o mundo é *acontecimento*, misto de linguagens históricas diferentes, das quais é preciso recolher o vestígio por esta atitude de acolhimento que Vattimo chama de *pietas*. Desta temática, seguida por herança de Nietzsche e Heidegger, encontramos evidentemente os ecos em Lyotard, Ricoeur, Rorty ou Derrida. Em **Après la chrétienté**, Vattimo dá um passo a mais, ao aplicar esse mesmo processo de “despotencialização” às categorias do pensamento cristão.

A nuance é aqui necessária. Se “o pensamento do ser como acontecimento e como destino de enfraquecimento” marca o fim da física, poderíamos pensar que o enfraquecimento, aplicado à história religiosa do Ocidente, marca a secularização ou a dissolução do sagrado (em reação aos quais se constituem hoje os novos fundamentalismos). Ora, longe de ser abandono da religião, o que São Paulo apresentava como enfraquecimento na encarnação como *kénôsis* de Deus, “tornado humilde”, “diminuição” de seu poder¹⁸, é aos olhos de Vattimo a realização de

¹⁸ Referência à carta de São Paulo aos Filipenses, 2, 7 (Nota do *IHU On-Line*).

sua vocação mais íntima, sua “chance”. Negligenciaremos aqui as referências que usa para mostrá-lo: Heidegger ainda e sempre, mas também, e especialmente, o meio calabrês Joaquim de Fiori, Schleiermacher, Schelling, Novalis, Blumenberg, René Girard, Lévinas... O essencial está aí: assim como um “pensamento fraco” se torna mais atento àquilo que as categorias fortes da razão excluíam ou unificavam pela força, se torna pois menos violento, mais tolerante, mais respeitoso da diversidade infinita dos costumes, dos estilos de vida e do pensamento, assim um pensamento cristão “fraco” é um pensamento menos dogmático, mais “estético”, livre à interpretação, mais aberta, mais apto para realizar os valores que são mesmo sua “carne”, a fraternidade e a caridade, ou o amor.

Enfraquecer o cristianismo não é, portanto, reduzi-lo, afastá-lo, mutilá-lo: é, pelo contrário, restituir-lhe sua autenticidade, acolher sua mensagem autêntica da encarnação, pela qual Deus “desce do céu da transcendência onde a mentalidade primitiva o confinava”. A “terceira era” profetizada por Joaquim de Fiori talvez chegou. A primeira pertencia ao Pai, autor de todas as coisas: era a era da lei, do temor, e os homens eram escravos. A segunda pertencia ao filho, que se dignou a partilhar da baixeza humana: era a era da fé, da graça e da submissão filial. A terceira pertence ao Espírito Santo, do qual o Apóstolo diz: “Onde se acha o Espírito do Senhor, aí está a liberdade” (2Cor 3,17). É a era da caridade, a era em que os homens não são mais nem escravos nem filhos, mas amigos. É hoje, diz Gianni Vattimo filósofo “pós-metafísico”, homem de esquerda, que quer restituir vida à mensagem cristã, esvaziando-a de toda “religiosidade” e que “espera crer”, por uma fé laica, que podemos atualizar por essa mensagem o que Jacques Derrida chama de “política da amizade”.

Artigo da semana

PORNOGRAFIA DA GUERRA

Por Jean Baudrillard

*Traduzimos e reproduzimos o artigo de Jean Baudrillard sobre as imagens dos iraquianos torturados pelo exército dos EUA. O artigo foi, originalmente, publicado pelo jornal **Libération**, 19-5-04, sob o título “Pornografia da guerra” e pelo jornal italiano **La Repubblica**, 22-5-04, sob o título “O reality show do horror”.*

World Trade Center: o eletro-choque da potência, a humilhação infligida à potência, mas do exterior. Com as imagens das prisões de Bagdá, é ainda pior: se trata de uma humilhação, também esta funesta, que a potência mundial – os EUA, no caso específico – inflige a si mesma. Um eletro-choque de vergonha e de má consciência: e nisso está a relação entre os dois acontecimentos. Ante estes dois acontecimentos se desencadeou uma reação violenta em todo o mundo: no primeiro caso, um sentimento de espanto, no segundo, de abjeção. No 11 de setembro, imagens impressionantes de um acontecimento de fundamental importância, no outro, imagens aviltantes de qualquer coisa que é a antípoda do acontecimento, um não-acontecimento de uma banalidade obscena. A degradação, atroz e, contudo, banal, não somente das vítimas, mas dos cinegrafistas amadores desta paródia da violência.

Porque o pior é que se trata, na realidade, de uma paródia da violência, de uma paródia da própria guerra, na qual a pornografia se torna a última forma de abjeção de uma guerra impotente de ser simplesmente uma guerra, que simplesmente mata, e que se extenua num *reality show* grotesco e infantil, num simulacro desesperado da potência.

Estas cenas são a ilustração de uma superpotência que, chegada a seu ponto extremo, não sabe mais o que fazer com ela mesma, de um poder que já não tem mais objetivos, que é sem finalidade, porque já não tem inimigos plausíveis, e na impunidade total. Ela não pode fazer mais do que infligir uma humilhação gratuita, e - como sabemos - a violência que se inflige aos outros não é outra coisa senão a manifestação da que se inflige a si mesmo. Ela não pode fazer mais do que se humilhar a si mesmo, se aviltar, renegar-se numa espécie de perverso encarniçamento. A ignomínia, a abjeção é o sintoma extremo de uma potência que não sabe mais o que fazer com ela mesma.

Com o 11 de setembro, havia como que uma reação global de todos aqueles que não sabem mais o que fazer com esta potência mundial, e que não a suportam mais. No caso das sevícias infligidas aos iraquianos, é, ainda, pior: é ela mesma, a potência, que não sabe mais o que fazer com ela mesma e não se suporta mais, salvo se parodiar a si mesma de uma maneira inumana.

Estas imagens são tão mortíferas para os EUA quanto aquelas do World Trade Center em chamas. Contudo, os EUA, em si, não são colocados em discussão. É inútil acusar os americanos: a máquina infernal se embala por ela mesma nos atos especificamente suicidas. De fato, os americanos são ultrapassados pela sua própria potência. Eles não têm mais os meios de conjura-la. E nós somos parte desta potência. É todo Ocidente, cuja má consciência se cristaliza nestas imagens, é todo o Ocidente que está lá, no riso sádico dos soldados americanos, como é todo o Ocidente que está por detrás do muro israelita.

Aqui está a verdade destas imagens, uma verdade de que elas estão impregnadas: a desmedida maneira como uma potência se designa a si mesma como abjeta e pornográfica. A verdade, e não a veracidade. Pois, a partir daí, é inútil saber se elas são verdadeiras ou falsas. Nós estamos desde agora e para sempre incertos no que concerne às imagens.

Somente o seu impacto é que conta, na medida em que aquelas imagens são imersas na guerra. Nem temos mais necessidade de jornalistas *embedded*, são os militares eles mesmos que tiraram aquelas fotos, graças à tecnologia digital, as imagens estão definitivamente integradas à guerra. As imagens não a representam mais, não implicam mais uma certa distância dela, nem implicam uma percepção subjetiva ou um juízo. As imagens não pertencem à esfera da representação, nem da informação no sentido mais estrito e, assim, a questão de saber se é necessário produzi-las, reproduzi-las, difundi-las, interdita-las, ou mesmo a questão "crucial" de saber se são verdadeiras ou falsas é totalmente "irrelevante".

Para que as imagens fossem uma verdadeira informação, seria necessário que elas fossem diferentes da guerra. Ora, elas se tornaram, hoje, tão virtuais como a guerra, e portanto, sua violência específica se soma à violência específica da guerra. Além do mais, com a sua omnipresença, graças à regra hoje universalmente aplicada de mostrar tudo, do tudo-visível, as imagens, as nossas imagens reais, se tornaram substancialmente pornográficas, porque elas esposam, portanto, espontaneamente a face pornográfica da guerra.

Em tudo isso, e especialmente no último episódio iraquiano, há uma justiça imanente à imagem: aquele que mira o espetáculo morrerá pelo espetáculo. Vocês querem o poder pela imagem? Então morrerão pelo retorno da imagem que daí derivará.

Os americanos fazem e farão a amarga experiência. E isto apesar dos subterfúgios "democráticos" e de um simulacro desesperado de transparência que corresponde ao simulacro desesperado de potência militar.

Quem cometeu aqueles atos e quem é, verdadeiramente, responsável? Os superiores militares? A natureza humana, bestial, como sabemos, também "na democracia"? O verdadeiro escândalo não está mais na tortura, mas na deslealdade daqueles que sabiam e que não

disseram nada (ou daqueles que o revelaram?). De qualquer maneira, toda a violência real foi deslocada para a questão da transparência: a democracia é desafiada a refazer uma virtude pela divulgação dos seus vícios.

Para além de tudo isso, qual é o segredo daquelas abjetas cenografias? Mais uma vez, elas respondem, para além de todas as peripécias estratégicas e políticas, à humilhação do 11 de setembro, e elas querem responder por uma humilhação pior ainda, bem pior que a morte. Sem levar em conta os capuzes, que já são uma forma de decapitação (à qual corresponde, obscuramente, a decapitação do americano), sem contar as pilhas de corpos e os cães, a nudez forçada já é, em si, um estupro. E assim vimos soldados americanos fazendo caminhar iraquianos nus e encadeados pela cidade e, no conto *Allah Akhbar* de Patrick Decker, vemos Franck, o emissário da CIA, desnudar o árabe fazendo-o praticar sodomia com um porco, e sempre tirando fotos de tudo isso, expedindo-as depois para a sua cidade natal e a todos os seus familiares. Assim, o outro é exterminado simbolicamente. É daí que salta aos olhos o objetivo da guerra. O objetivo da guerra não é a de matar ou de ganhar, mas a de abolir o inimigo, de apagar (segundo Canetti, eu creio) a luz do seu sol.

De fato, o que queriam que aqueles homens confessassem, qual é o segredo que queriam lhes extorquir? Simplesmente, em nome de quem, em virtude de que, esses homens não têm medo da morte. Aqui está a inveja profunda e a vingança da “morte zero” sobre aqueles que não têm medo em nome de quem se lhes infligirá algo pior que a morte... A impureza radical, a desonra da nudez, a espoliação de todo véu. É sempre este o problema, a transparência: arrancar o véu das mulheres, encapuzar os homens para que pareçam ainda mais nus, mais obscenos... Toda esta palhaçada que coroa a ignomínia da guerra até o seu travestir naquela imagem, a mais cruel de todas (a mais cruel para os EUA), porque a mais fantasmagórica e a mais “reversível”, daquele prisioneiro ameaçado de ser eletrocutado e todo inteiro encapuzado, transformado num membro do Ku Klux Klan, crucificado pelos seus congêneres. Naquela imagem, são os Estados Unidos se eletrocutando a si mesmos.

Entrevista da semana

MAX WEBER E A ALMA DO CAPITAL

*Na era dos cracks da Enron e da Parmalat, a “dimensão moral” voltou ao centro das análises sobre a economia de mercado. A grave crise atual é uma espécie de homenagem póstuma à importância de uma obra originalíssima, que exatamente há cem anos estabelecia pela primeira vez um nexos forte entre os valores morais compartilhados por uma sociedade e sua capacidade de desenvolvimento econômico: **A ética protestante e o espírito do capitalismo** do alemão Max Weber, um dos fundadores da sociologia moderna. É o assunto desta entrevista dirigida por Federico Rampini, com Guido Rossi, jurista e professor de Filosofia do Direito publicada no jornal **La Repubblica**, 7-4-04.*

*O **IHU On-line** n.º 101, 17-5-04, teve como matéria de capa o tema “Max Weber: A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo. Cem anos depois”. A entrevista da semana deste número dá continuidade ao debate iniciado.*

*Guido Rossi é doutor em jurisprudência pelo Universidade de Pavia, Master of Laws pela Harvard Law School, professor de direito comercial na Universidade de Trieste, Veneza, Pavia e na Faculdade de Jurisprudência na Universidade Estatal de Milão. É autor de vários livros entre os quais **Il ratto delle Sabine**, Ed. Adelphi, 2000. É diretor da **Rivista delle Società** e da **Rivista Banca, Borsa e Titoli di Credito**. Foi senador da República Italiana. A tradução e os subtítulos são dos colegas do Cepat, de Curitiba, aos quais agradecemos.*

A tese de Weber está superada do ponto de vista histórico

La Repubblica - Professor Rossi, a ética protestante nasce sobretudo com uma ambição de análise histórica. Weber, ao publicar seus primeiros capítulos em 1904, procura distinguir quais são as circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento originário do capitalismo, e julga distingui-las no sistema de valores e regras de comportamento de algumas comunidades protestantes, especialmente as que seguem a doutrina de Calvino. Este enfoque histórico, porém, foi o que provocou mais críticas na primeira publicação desta obra, e parece definitivamente envelhecido.

Guido Rossi - Na verdade, ele não resistiu à leitura crítica de outros autores como Werner Sombart e Fernand Braudel. Sombart demonstrou que os judeus tiveram um papel fundamental no desenvolvimento capitalista da Europa central. Braudel associou as primeiras formas de economia capitalista às cidades mercantis da Itália pré-renascentista, como Gênova e Florença, onde surgiu a atividade bancária moderna: portanto numa cultura católica, e não protestante.

La Repubblica - Um outro francês, o historiador Jacques Le Goff, em seu famoso estudo sobre o Purgatório, demonstrou que a Igreja católica adotou, nos estertores da Idade Média, uma atitude mais flexível em relação à usura e, portanto, ao lucro. O comércio das indulgências e a invenção teológica do Purgatório, num certo sentido, ao monetizar o perdão dos pecados, criam um incentivo ao lucro e uma legitimação da atividade empresarial...

Guido Rossi - Hoje, a tese de Weber está superada do ponto de vista histórico. O capitalismo europeu nasceu em nossa casa, às margens do Mediterrâneo, e não na Holanda ou na Nova Inglaterra como Weber acreditava. Além disso, ele tinha uma visão viciada inicialmente pelo eurocentrismo. Aos nossos olhos contemporâneos, a insistência no papel do calvinismo não resiste a fenômenos históricos como o desenvolvimento capitalista no Japão dos samurais ou na China de Confúcio. Evidentemente, outras fés religiosas e outros sistemas de valores podem criar um terreno igualmente fértil e favorável à atividade empresarial.

O ensinamento mais interessante de Weber

La Repubblica - Um outro aspecto do estudo de Weber resistiu melhor à prova do tempo, e ainda hoje merece atenção. A ética protestante também surgiu para refutar o materialismo. Ela refuta a idéia de Karl Marx de que a religião e a cultura são uma “superestrutura” ideológica historicamente determinada das razões da economia, das relações de classe, do estágio de desenvolvimento do capital. Assim, Weber inverte a relação. Afirma a tese de que um certo sistema de valores (pré-capitalista, como a religião) criou um ambiente favorável ao desenvolvimento do capitalismo.

Guido Rossi - Este continua sendo o ensinamento mais interessante de Weber: a idéia da centralidade do sistema de crenças. Ele vale não só para a ética protestante, como também para a do samurai ou do confucionismo. Existe uma base comum nas sociedades que se mostraram mais adaptadas ao florescimento do capitalismo, e é justamente a existência de uma forte ética do trabalho, um conjunto de regras coletivas aceitas e respeitadas que facilitam o mecanismo de acumulação da riqueza. Ele representa um corte em relação a sistemas anteriores, como o feudalismo, que se revelaram inadequados para criar desenvolvimento. Este conceito de Weber nos interpela ainda hoje: a importância do papel da ética na economia de mercado.

Smith, De Mandeville, Montesquieu e Maquiavel

La Repubblica - A ética protestante e o espírito do capitalismo, ao desafiar a visão marxista, também contém um paradoxo interessante: para prosperar, a economia de mercado precisa manter vivo um sistema de valores que tem origens pré-capitalistas, isto é, a religião. Adam Smith, o primeiro verdadeiro teórico do capitalismo, também era um filósofo moral antes de ser um economista. Ele descreve o mercado como uma “mão invisível” que usa os egoísmos e as ambições individuais para lhes dar como objetivo o bem comum. Mas também tinha em mente uma sociedade regada pelo senso moral.

Guido Rossi - Smith conhecia Shakespeare e tomou por empréstimo a imagem da mão invisível do Macbeth: antes do assassinato de Banco, Lady Macbeth vê em sonhos sua mão “tinta de sangue e invisível”. Smith, que tinha um forte senso de ironia, usou essa metáfora para desmontar o egocentrismo e a mania de grandeza dos empresários. Os capitalistas não devem iludir-se que são os protagonistas da economia. Na realidade, são apenas pequenas engrenagens de um mecanismo muito maior que eles: este era um dos significados de sua mão invisível. O outro significado é comum a Smith, De Mandeville, Montesquieu e Maquiavel: o vício particular torna-se virtude pública, a cupidez do indivíduo pode servir para enriquecer a sociedade. Basta lembrar a Fábula das Abelhas de Mandeville. Montesquieu não lhe deu uma tradução na esfera política quando sustentou que, numa monarquia, o amor à glória pessoal, o desejo das honras, faz mover todo o corpo social, modo que toda pessoa, acreditando que está correndo atrás de seus interesses, age na realidade para o bem comum. O próprio Keynes dizia: graças à possibilidade do lucro, algumas tendências perigosas dos homens podem ser canalizadas para resultados mais inócuos. E acrescentava: é melhor que um homem dirija, dê vazão à sua tirania e crueldade na própria conta no banco do que em seus concidadãos. Mas, neste sentido, a visão weberiana que exalta a origem “mística” do capitalismo financeiro hoje não consegue mais descrever a realidade social que temos diante dos olhos. As notícias sobre os escândalos financeiros destes dias nos oferecem um espetáculo bem diferente da frugal ética calvinista dos empreendedores que Weber tinha diante dos olhos. A cupidez individual, sem uma ética para discipliná-la, não é mais uma virtude e sim um pecado que desagrega e destrói. Na difusão do conflito de interesses rompe-se a equivalência entre vício particular e virtude social”.

Weber: “uma ética da responsabilidade é indispensável para uma nova ordem mundial”

La Repubblica - Em suas obras posteriores à *Ética protestante*, por exemplo na sua *História geral da economia*, Weber foi mais longe na análise das pré-condições necessárias ao bom funcionamento do capitalismo. Além da moral, apontou entre os ingredientes essenciais o Estado de direito, isto é, um sistema de leis claras e confiáveis, e uma burocracia estatal eficiente para aplicá-las. Escreveu que um capitalismo sadio não pode florescer em sociedades onde existe uma grande diferença entre *insider* e *outsider*. Acabou revendo até o papel exclusivo do protestantismo. Em suas obras mais tardias, Weber insistia menos na originalidade calvinista e destacava sobretudo a importância de uma religião universalista como origem da noção de cidadania universal, portanto da igualdade dos cidadãos perante a lei. Ética e senso das regras, certeza do direito e controle social por uma magistratura forte são receitas que não perderam a importância.

Guido Rossi - O pensamento de Max Weber na *Ética protestante* foi muito simplificado e divulgado como uma fórmula vitoriosa. É verdade que, mais tarde, as posições de Weber foram muito mais articuladas. Elas lançaram as premissas de um sistema em que o peso se transfere totalmente para a teoria da justiça, que depois faz parte da moral. De fato, foi o próprio Weber quem destacou as assimetrias informativas do capitalismo e esclareceu que "torna-se evidente ainda hoje ao observador imparcial que um salário baixo e um lucro alto estão em correlação e que tudo o que é pago a mais em salário deve significar uma correspondente diminuição do lucro". Esta frase me parece antecipar o princípio da diferença, um dos fundamentos da teoria da justiça de John Rawls. O abandono do Estado de direito e de suas instituições, a favor de uma auto-regulamentação que acredita somente nas virtudes do mercado e é cética em relação às regras favorece, como está amplamente provado, também o crime organizado, que é justamente o lado obscuro do ordenamento do mercado criado apenas pelos particulares. É então que a justiça se torna a mais pública e a mais jurídica das virtudes. Foi o próprio Max Weber, afinal, que destacou que uma ética da responsabilidade é indispensável para uma nova ordem mundial. Fez isso numa conferência aos estudantes que proferiu não muito antes de sua morte, em Múnich, no sangrento inverno de 1918-1919. Concluiu, então, que a ética da convicção e a ética da responsabilidade "se completam reciprocamente e só juntas formam o verdadeiro homem, aquele que pode ter a vocação da política". A tese final de Weber era que o capitalismo contribuía para evitar a ruína total da sociedade, ruína que estava então sempre iminente para a abalada ordem interna e internacional. Mas o capitalismo financeiro atual é censurado, numa contradição ilustrativa, por ser ele mesmo a causa da ruína da sociedade.

Filme da semana

DIÁRIOS DE MOTOCICLETA

Ficha Técnica

Nome original: Diarios de Motocicleta

Origem: Argentina - Brasil - Inglaterra – Peru

Realizado em: 2004

Gênero: Drama

Duração: 128 min.

Classificação: 12 anos

Direção: Walter Salles

CHE GUEVARA DE WALTER SALLES É HERÓI ASSISTENCIALISTA

O colunista do jornal **Folha de S. Paulo**, José Geraldo Couto, é o autor do artigo a seguir, sobre o filme **Diários de Motocicleta**. O texto foi publicado pela **Folha** em 18 de maio de 2004.

Na trajetória de Ernesto Che Guevara (1928-1967) sobrepõem-se duas mitologias: a cristã e a da esquerda. Entre as muitas analogias evidentes entre Jesus Cristo e o Che, estão o martírio pelo bem da humanidade, a pureza de princípios e a idéia de missão.

Assim como Jesus, Che Guevara é uma espécie de gabarito moral diante do qual medimos nossos defeitos e fraquezas.

A essa dupla matriz o filme "Diários de Motocicleta", de Walter Salles (e que será apresentado amanhã no Festival de Cannes) acrescenta uma terceira: o romance de formação ou, melhor

dizendo, o mito moderno da juventude. A viagem, a aventura, a busca de identidade, a descoberta do mundo - eis os elementos centrais desse mito.

Como resultado da hábil orquestração dessas várias linhas de força, Salles construiu uma hagiografia moderna, um "road movie" edificante, apto a comover uma enorme platéia jovem em todo o mundo.

"Diários de Motocicleta", como se sabe, baseia-se nos relatos do próprio Che e de seu amigo Alberto Granado acerca da jornada de milhares de quilômetros que os dois fizeram pela América do Sul em 1952. Nela, o Che teria descoberto a realidade profunda do continente e sua própria missão transformadora.

O final trágico do personagem está fora do filme, mas todos sabemos dele, o que confere gravidade e sentido teleológico a cada detalhe de sua trajetória.

Um exemplo: os US\$ 15 que a namorada lhe deu para comprar um biquíni quando chegasse aos Estados Unidos adquirem o caráter de tentação a ser vencida.

A todo momento, o companheiro do Che, Granado (Rodrigo de la Serna), mostra ao herói tudo o que aquele dinheiro poderia lhes comprar: hotel confortável, boa comida, mulheres. A todos esses prazeres o Che diz não, preferindo dormir ao relento e passar fome. Acaba dando o dinheiro a uma família de camponeses miseráveis.

De todas as fontes de que o filme se nutre, a mais forte é a cristã. O Che vivido por Gael García Bernal é íntegro, casto e generoso como cabe a um santo. Alberto Granado é seu contraponto humano, falível e cômico.

Não por acaso, o ponto culminante da viagem é uma colônia de leprosos na Amazônia. Ao recusar as luvas que o protegeriam do contato com os doentes, ao atravessar a nado o rio que os separa dos sãos, o Che revela sua natureza de pura entrega altruísta.

O contato com os leprosos, vale lembrar, é uma figura recorrente dentro da tradição cristã, como símbolo máximo da compaixão. O Ernesto dos "Diários de Motocicleta" é um Che Guevara que ainda não endureceu. É, ainda, pura ternura.

Mesmo seus momentos isolados de revolta e violência -como a cena em que atira uma pedra no caminhão de uma mineradora- são análogos às irrupções de cólera do próprio Cristo (lembramos a expulsão dos vendilhões do templo). Sua verdadeira vocação é a caridade.

Esse Che pré-revolucionário cabe como uma luva como herói de nossa época em que os conflitos se despolitizaram e a luta de classes cedeu lugar às várias formas de assistencialismo do governo, das igrejas e das ONGs.

"Diários de Motocicleta" é de uma competência irretocável. A fluência narrativa, a segurança da decupagem, o talento dos atores, tudo nele conflui para constituição de um poderoso conto moral sintonizado com a plataforma da igreja dos oprimidos.

MEMÓRIA

A TEOLOGIA DE CONGAR - NOS CAMINHOS DA UNIDADE E DO NOVO CATOLICISMO

Por Rosino Gibellini

Em comemoração ao centenário de nascimento de Yves Congar (1904-1995) no convento de S. Domingos, em Pistoia, ocorreu um Seminário de estudos sobre o tema: Um mestre para lembrar - Um serviço para continuar. Traduzimos e reproduzimos, a seguir, um trecho do comentário final, feito pelo teólogo italiano Rosino Gibellini publicado no sítio da Editora Queriniana: www.queriniana.it em 2 de abril de 2004. Confira na matéria de capa da presente edição uma entrevista exclusiva com o teólogo.

A figura de Congar situa-se no centro da grande teologia francesa, que se chama “teologia da renovação” (*théologie du renouveau*) ou a então polêmica *nouvelle théologie*, que se desenvolve da “germinação dos anos trinta” (conforme a expressão de Chenu) até o Concílio Vaticano II e além, ao longo do processo de recepção do concílio. Congar é o eclesiólogo que abre a eclesiologia católica ao ecumenismo. E nessa operação foi um pioneiro. O teólogo evangélico Jürgen Moltmann em um balanço do século XX teológico observa que o percurso da teologia do século XX levou a igreja cristã da época pré-ecumênica à época ecumênica. E é nesse percurso de época, que se insere a obra de Congar. Mas é um percurso não concluído, ainda por ser percorrido. No estudo acima citado, Moltmann escreve: “O caminho do movimento ecumênico é bastante e claramente reconhecível: conduziu do *anátema* ao *diálogo*, e por isso do diálogo à *cooperação*; conduzirá da *cooperação* à *profissão de fé comum*. A decisão a este respeito pôde ser tomada somente por um *concílio* cristão geral”.

Congar nos deixa como herança “o amor à Igreja”, a uma igreja capaz de reforma, como expressa no breve livro, publicado no dia seguinte à conclusão do concílio, ***Cette Eglise que j’aime*** (1968); e “a paixão pela união”, como expressa no livro autobiográfico, ***Une passion: l’unité*** (1974). Nesse sentido, o teólogo dominicano insere-se e alimenta um grande movimento espiritual, que encontrou expressão principalmente na primeira metade do século XX.

Foi Romano Guardini, no início dos anos vinte do século passado, a usar a frase que pode ser assumida como diagnóstica de uma das características da teologia do século XX: “Um processo de uma importância incalculável se iniciou: o despertar da Igreja nas almas”. Um despertar que era conectado, na análise do jovem teólogo ítalo-alemão, com o despertar cultural para um novo sentido da realidade como realidade vivida e para o sentido comunitário. Desaparecia, nos escombros da primeira guerra mundial, o encanto do idealismo e do ego abstrato, e a consciência cristã começava a perceber a igreja como caminho para a personalidade, e também, como caminho para a comunidade. ***As Lições sobre a Igreja***, ministradas por Guardini na Universidade de Bonn, em 1921 e publicadas em 1922 sob o título ***Il senso della chiesa*** (O sentido da igreja), tinham entusiasmado o seu auditório e seus leitores, que as consideravam “como um bater de asas, um sopro de cristianismo original, pentecostal”, enquanto apontavam “novos caminhos em direção a uma relação viva entre igreja e personalidade, em direção a um crescimento humano autêntico embasado na liberdade interior, que desemboca em uma comunidade de graça”. A célebre expressão de Guardini de 1922 encontrará resposta, por sua vez, em campo ecumênico, na obra do teólogo protestante Otto Dibelius, ***Il secolo della chiesa*** (O século da igreja) (***Das Jahrhundert der Kirche***, 1927), que antecipa as sementes que se concretizarão na Igreja confessional, que tornará ativa a resistência ao nacional-socialismo. Mas acredito que se possa dizer que o intérprete efetivo e mais eficaz daquele movimento de espírito e de pensamento foi Yves Congar, o teólogo que fez com que a Igreja Católica descobrisse o ecumenismo.

Congar anota no seu ***Diario del concilio*** (Diário do concílio), com data de 18 de novembro de 1963, quando estava para começar o debate sobre o ecumenismo, que o mesmo se concluiria com a aprovação do decreto ***Unitatis Redintegratio*** (21/11/1964): “É um momento histórico. Nesta manhã de 18 de novembro, nos recolhemos em oração, escutamos, aguardamos na esperança. A Igreja está para pronunciar-se de forma definitiva em favor ao diálogo. Talvez ela mesma se surpreenda em ver-se convicta, de forma tão profunda, de coisas sobre as quais não tinha a mínima idéia somente alguns anos atrás (...). Quem plantou esta semente? E quem a plantou em mim 35 anos atrás? Mas quem faz com que a cada noite se suceda uma aurora? E a cada inverno uma primavera?”. O jovem Congar, de fato, tinha chegado ao ecumenismo no longínquo ano de 1929 (quando a teologia católica estava ainda sob a pesada opressão do antimodernismo), durante os anos da sua formação teológica, e ao

ecumenismo dedicará obras relevantes, que antecipam e, ao mesmo tempo, acompanham o caminho da comunidade eclesial.

O livro **Cristiani disuniti** (Cristãos desunidos), de 1937, traz como subtítulo *Principi per un "ecumenismo" cattolico* (Princípios para um "ecumenismo" católico), em que a palavra "ecumenismo" é colocada entre aspas, porque o seu uso não estava autorizado. E isso indica a extrema cautela com a qual o teólogo católico devia enfrentar o campo minado da teologia ecumênica. A mesma cautela guia Congar a enfrentar o tema delicado da reforma em **Vera e falsa riforma nella Chiesa** (Verdadeira e falsa reforma na Igreja) de 1950 (aquele que é considerado o maior livro de Congar), em que não se fala de reforma da Igreja, mas de reforma na Igreja, e em que se determinam as condições gerais para um "reformismo sadio", que não é reforma da doutrina, mas reforma que se desenvolve na vida concreta da Igreja: reforma como renovação. Para dar-se conta da cautela, com a qual Congar devia proceder no seu trabalho pioneiro, se poderia citar o livro de Rahner, **Trasformazione strutturale della Chiesa come compito e come chance** (Transformação estrutural da igreja como tarefa e como chance, 1975), em que o teólogo alemão propõe um projeto eclesial de reforma estrutural da Igreja. Durante o concílio, em 1964, sai **Cristiani in dialogo** (Cristãos em diálogo), que, já no título, quase fotografa o intenso caminho percorrido, e dá o sentido do "sopro do Espírito", um outro grande tema do teólogo francês.

Quarenta e cinco anos depois de **Cristiani disuniti**, Congar publica o seu curso ministrado no Institut Catholique de Paris **Diversità e comunione** (Diversidade e comunhão, 1982), que representa o ponto de chegada de um longo itinerário eclesial e ecumênico. Qual é a situação do ecumenismo? Para Congar, um bom caminho já foi percorrido, o qual levou a uma real aproximação, mas agora, depois de tantos progressos, o ecumenismo parece bloqueado e está marcando passo. O problema é como ir além, e cada vez mais o nó que não desata parece ser a eclesiologia, ou seja, a diferente estrutura que as igrejas assumiram na longa história da separação. Para Congar, dois caminhos ficam excluídos: o caminho do *retorno* dos cristãos não-católicos aos braços da igreja católico-romana: essa posição seria um indicador de *integralismo* ecumênico (e definitivamente era essa a posição do próprio Congar em **Cristiani disuniti**, mesmo que colocada com toda a abertura então possível); e o caminho do *deferimento* da unidade entre os cristãos para a escatologia, como milagre que Deus realizará no final dos tempos: essa posição seria uma fuga dos compromissos históricos e seria um indicador de *pessimismo* ecumênico. Então, nem retorno para os braços romanos, nem adiamento *sine die* da unidade. A *unitatis reintegratio* permanece um compromisso histórico para as igrejas cristãs. O problema que fica é até que ponto a *comunhão* tolera as *diversidades*: o modelo ecumênico a perseguir na teoria e na prática deve configurar-se como "unidade da fé e unidade/diversidade das suas formulações". Congar foi, cada vez mais, se convencendo da necessidade de conjugar a "catolicidade" com a "diversidade" e com o "pluralismo". Se em **Cristiani disuniti**, a "catolicidade da igreja é a capacidade universal da sua unidade"; em **Diversità e comunione**, a catolicidade conjuga-se com a diversidade e com o pluralismo, visto "como valor interno da unidade".

O maior ecumenista da igreja católica confia nas suas **Conversazioni d'autunno** (Conversas de outono, 1987), depois de meio século de **Cristiani disuniti** (1937): "Comecei com uma formação tomista bem acentuada, que, por outro lado, não quero renegar, é uma boa formação do espírito; comecei com afirmações sólidas: era a idéia de catolicidade que, na época, me parecia fazer compreender as diversidades; hoje estou mais sensível às diversidades(...). Recomendo uma referência ao tronco comum das nossas origens".

Além disso, Congar, no curso acadêmico parisiense, destaca quatro dimensões do ecumenismo. Há o ecumenismo *teológico* ou *doutrinal*, ao qual pertence a reflexão teológica de

Congar, e , neste aspecto, merecem registro propostas ainda mais avançadas, como aquela de Heinrich Fries e Karl Rahner, em *Unione delle Chiese – possibilità reale* (União das igrejas – possibilidade real, 1983); e do teólogo evangélico Oscar Cullmann na sua síntese ecumênica *L'unità attraverso la diversità* (A unidade através da diversidade, 1986), que não resultaram totalmente convincentes para o ecumenista Congar, que, porém, concorda com Rahner na importante afirmação: “A teologia cristã para o pagão de hoje é a melhor teologia ecumênica”. Há o ecumenismo *institucional*, que registrou o acordo sobre a justificação, assinado nas últimas semanas do século XX, e que “por isso representa um ponto de partida do qual agora precisa avançar para chegar a um acordo também a respeito dos problemas ainda controversos” (Peter Neuner¹⁹). Há o ecumenismo *espiritual*, que Congar surpreendentemente descobriu em 1929 e praticou por toda a vida. Há, finalmente, o ecumenismo *prático*, quando as comunidades cristãs agem junto ao serviço da humanidade no mundo, mesmo que o teólogo Congar advirta: “Todavia seremos perdoados porque essa é a nossa vocação, se considerarmos, acima de tudo, o aspecto doutrinal, evidentemente decisivo, do compromisso ecumênico”.

Este problema da conjugação entre unidade e diversidade faz-se mais urgente, e não mais adiável, enquanto se observa nas publicações das últimas décadas, um deslocamento do debate eclesial para o debate sobre o futuro do cristianismo, sobre o qual já existem algumas dezenas de estudos, partindo de um texto, desafiador, do historiador francês Jean Delumeau, *Il cristianesimo sta per morire?* (O Cristianismo está para morrer?, 1977). De acordo com o historiador francês, o cristianismo, na sua história, sofreu desvios devido às suas interligações com o poder, pelos quais a igreja ainda está pagando o preço. Trata-se, agora, sob o impulso da descristianização de “afinal virar a página” para operar a passagem de uma religião opressiva e repressiva (é sabido que Delumeau²⁰ ilustrou historicamente o instrumento eclesial da “pedagogia do medo”) para um cristianismo aberto, e avança a proposta de um “Credo fundamental” e de uma “unidade” a serem realizados “na diversidade”. Apesar da alarmante análise e da inquietante interrogação, Delumeau está convicto da “solidez do cristianismo” e da sua inquestionável “capacidade de adaptação”, mas adverte: “Eis a verdade do cristianismo de hoje, e eis o seu futuro, tal qual pode-se enxergar sob uma perspectiva humana. Não será autoridade, mas liberdade; não será poder, mas humildade; não será uniformidade, mas diversidade; não será quantidade (mas o historiador está perfeitamente ciente da relevância da quantidade numérica para uma religião que pretende a universalidade), mas qualidade”.

A expressão de “virar a página” que se encontra no estudo de Delumeau, foi retomada recentemente no volume feito em colaboração, *Chrétiens, tournet la page!* (Cristãos, virai a página!, 2002), no qual um grupo de historiadores, sociólogos e teólogos retoma o tema sobre o futuro do cristianismo e avança a proposta de uma nova “configuração” da igreja católica (e do cristianismo), que saiba inscrever uma instituição pesadamente hierárquica e clerical nos novos contextos da globalização e do pluralismo das culturas e das religiões.

Nessa frente, coloca-se, com seu movimento peculiar, o teólogo católico norte-americano Robert Schreiter, já discípulo de Schillebeeckx na Universidade de Nimega, e detentor da cátedra de “interculturalidade” instituída em homenagem a Schillebeeckx na Universidade de

¹⁹ Peter Neuner é professor de teologia dogmática na Universidade de Munique, Alemanha. Ele é internacionalmente conhecido pelos seus estudos sobre o ecumenismo. (Nota do *IHU On-Line*).

²⁰ De Jean Delumeau foi traduzido, entre outros livros, para o português *O Pecado e o Medo*, 2 volumes, Bauru: Edusc, 2003. Na França, o autor publicou, recentemente, *Guetter l'aurore. Um christianisme pour demain*, Paris: Grasset, 2003. (Nota do *IHU On-Line*)

Nimega, com *The New Catholicity* (A Nova Catolicidade) (1997). Na análise de Schreiter, ao desafio da globalização, que sofreu uma aceleração com os acontecimentos políticos ocorridos em 1989, a igreja pode responder com um conceito renovado e dilatado de catolicismo, isto é, um catolicismo capaz de incluir as diferenças e de praticar uma troca e uma comunicação intercultural. Escreve o teólogo americano: “Parece-me que um conceito renovado e dilatado de catolicismo poderia servir bem como uma resposta teológica ao desafio da globalização. Ele pode fornecer um quadro teológico, a partir do qual a igreja poderia compreender a si mesma e sua missão nestas circunstâncias modificadas”.

A teologia de Congar é, desse modo, para ser retomada, colocando-a em um período histórico, isto é, inserindo-a nos novos exigentes contextos, culturais e teológicos, os quais mencionamos. É certo que existem páginas na obra do grande teólogo, que já entraram, também por seu mérito, na consciência católica e ecumênica, mas agora se trata de recuperar, de fazer uma nova leitura e novamente meditar sobre os seus “escritos reformadores”, como expressou recentemente Jean-Pierre Jossua; escritos que são destinados a ajudar a nova geração a pensar e a viver a igreja, e a agir a sua reforma, ao longo do caminho do ecumenismo, que representa um dos eventos maiores, “inesperado e ainda não realizado” (Peter Neuner), da teologia do século XX.

Mas se deve dizer que Congar nos surpreendeu mesmo depois de sua morte (22 de junho de 1995). Postumamente foram editados três Diários: o primeiro, *Journal de la guerre* (1914-1918), em 1997; o segundo, *Diario di un teólogo* (Diário de um teólogo) (1946-1956) em 2001; o terceiro, em dois volumes, *Il mio diario del Concilio* (Meu diário do concílio), em 2002. Analisando-os – e gostaria de finalizar com este pensamento – o jesuíta espanhol González-Faus observou: “Curiosamente, a melhor eclesiologia do século XX não é um tratado sobre a Igreja, mas o *Diário* de um teólogo. De um homem bom, marcante, vulnerável e limitado como todos, martirizado pela cúria romana, e sobre o qual João Paulo II afirmou que “tinha sido um presente de Deus para a sua Igreja”.

Deu nos jornais

Lula repete Malan

Em discurso de 30 minutos, quase sem improvisos, na abertura do XVI Fórum Nacional do Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae), no BNDES, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse que o objetivo de seu governo é promover “um novo ciclo histórico de crescimento sustentado”. O presidente afirmou, porém, que não serão inventadas fórmulas para chegar a esse ritmo de expansão. Segundo o jornal **O Globo**, 18-5-04, o presidente voltou a criticar o governo passado, mas defendeu idéias muito semelhantes às pregadas pelo então ministro da Fazenda de Fernando Henrique Cardoso, Pedro Malan, exatamente há cinco anos, no XI Fórum Nacional. Lula disse que não há incompatibilidade entre controle econômico e desenvolvimento e defendeu a parceria de investimentos públicos e privados e o papel do Estado como regulador da economia, ao tratar do tema do fórum deste ano - “Economia do conhecimento, crescimento sustentado e inclusão social”. As mesmas idéias foram defendidas por Malan em sua palestra no dia 17 de maio de 1999, sobre “Crise Mundial e Agenda do Crescimento”.

Brasil perde patentes nativas para estrangeiros

“Em pleno Século XXI, a biopirataria permanece no Brasil, atingindo a fauna e a flora, principalmente na região amazônica”, informa a **Gazeta Mercantil**, 17-5-04. O jornal destaca que a reação brasileira conseguiu sustar o processo de patenteamento em relação ao cupuaçu, cuja marca e patente haviam sido depositadas por empresas japonesas. Porém destaca que “o popular guaraná tem patente depositada nos Estados Unidos, assim como plantas brasileiras como quebra-pedra, espinheira santa e andiroba também foram registradas no exterior”. “Os Estados Unidos, Japão, Inglaterra e França lideram a lista de países detentores de patentes de produtos da flora amazônica, segundo levantamentos de pesquisadores brasileiros, apresentados no I Congresso Internacional de Direito Amazônico, realizado no mês passado em Boa Vista, Roraima”.

Industrialização sem descamponização

Essa é uma das propostas do professor Ignacy Sachs para a geração de emprego e distribuição de renda no Brasil. A proposta foi lembrada por Washington Novaes no artigo *O caminho da roça*, publicado no **O Estado de S. Paulo**, 14-5-04, que discute alternativas para a geração de empregos. Para W. Novaes, “os detentores de poder deveriam prestar atenção às idéias que têm sido expostas pelo professor Ignacy Sachs, co-diretor do Centro de Pesquisas do Brasil Contemporâneo, em Paris, uma das pessoas que mais conhecem a realidade dos países ditos emergentes”.

A importância da agricultura familiar

No artigo, Washington Novaes, destaca que “o professor Sachs insiste na necessidade - além dos estímulos à pequena e microempresa - de um ‘novo ciclo de desenvolvimento rural’, em que haja forte apoio à agricultura familiar, ainda responsável por 37% da produção agrícola e por 77% das pessoas ocupadas no campo em 84% dos 5 milhões de estabelecimentos”

Fortalecer o tripé - biodiversidade-biomassas-biotecnologias

“Segundo o professor Sachs, precisamos de uma ‘industrialização sem descamponização’, um desenvolvimento rural, e não apenas agrícola, fundado na agroindústria, no artesanato, em pequenas indústrias descentralizadas, na prestação de serviços técnicos em várias áreas. Foi por caminhos como esses que a China, entre 1985 e 2001, criou 140 milhões de postos de trabalho em atividades não-agrícolas nas zonas rurais. E isso é possível com um tripé - biodiversidade-biomassas-biotecnologias - dando força aos setores de alimentos, rações animais, bioenergias, fertilizantes, materiais de construção, matérias-primas para indústrias (fibras, celulose, óleos, resinas, etc.), fármacos e cosméticos”.

Classe média perde renda nos últimos 25 anos

“O padrão de vida da classe média brasileira encolheu em duas décadas”. É o resultado de uma extensa pesquisa realizada pelo professor aposentado, pesquisador e ex-diretor do Instituto de Economia da Unicamp, Waldir Quadros. Os dados da pesquisa foram divulgados pela **Gazeta Mercantil**, 17-5-04. Levantamento do pesquisador - a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) do IBGE reunidos ao longo de 25 anos - “indica que o processo econômico, fora períodos curtos, não elevou o padrão de vida do brasileiro médio. Em 1981, 33,2 milhões de trabalhadores assalariados, considerados de classe média, conseguiram ter uma renda familiar mensal de R\$ 968,00 valor corrigido com base no INPC. Em 2002, passados 21 anos - o último dado disponível -, os 36,8 milhões de pessoas que representam o mesmo extrato social possuem uma renda familiar de R\$ 772,00”.

Classe média: “confusão e raiva”

“Os dados fazem parte de um livro sobre os efeitos do processo econômico na vida da classe média brasileira e os resultados na estrutura social do País, sustentado pela tese de livre docência *Aspectos da crise social brasileira nos anos 80 e 90*. No texto, o professor avalia como o processo econômico ressoa sobre esse grupo social. Quadros disse acreditar que o avanço da violência urbana, principalmente nas camadas mais carentes da população, é resultado direto da ausência de um crescimento sustentado da economia brasileira. ‘Esta mesma violência começa a contagiar a classe média’, disse. Segundo ele, a deterioração econômica não é recente, mas a visualização desta tem se tornado mais clara exatamente porque atingiu a classe média. A expressão destes sentimentos, afirma, é que se revela no discurso de raiva e confusão intelectual. A queda de renda, segundo Quadros, afetou um aspecto importante para a afirmação da classe média: o consumo. ‘Daí deriva todo discurso raivoso e confuso que é proferido hoje pela classe média’, disse, ‘mas, dizer qual o resultado da raiva e da confusão que imperam hoje sobre a classe média é impossível’”.

Os bancos descobrem a necessidade de resgatar o humano

Até recentemente a grande tendência no setor bancário era o da automação total. Os clientes eram incentivados a usarem os terminais automáticos e a realizarem as operações por telefone para conferir saldos ou efetuar pagamentos. Tanto o telefone como a Internet tornaram as transações de varejo do dia-a-dia muito mais baratas para os bancos e também convenientes para os clientes que felizes, perceberam que a necessidade de ir até o banco se tornava dispensável. Entretanto, as tecnologias não se mostraram boas para vender produtos complexos, sendo que a maioria das pessoas prefere discutir hipotecas, fundos mútuos e outros serviços numa relação “cara a cara”. “Hoje em dia os bancos querem que os potenciais clientes façam mais do que abrir uma nova conta-corrente”, afirma a reportagem ‘Bancos redescobrem o contato pessoal’ publicada pelo *The Economist* e reproduzida no *Valor Econômico*, 17-5-04. Os bancos cada vez mais desejam vender uma série de serviços, e para fazer isso “as pessoas são muito melhores do que máquinas”. Os grandes bancos estão redescobrando o valor do toque pessoal, do contato humano. Para conquistar os clientes, “alguns bancos mudaram o desenho de suas agências para torná-las mais parecidas com lojas ou *showrooms*. O marketing enfatiza a proximidade com o cliente”.

Meta de assentamentos em 2004 dificilmente será cumprida

O assentamento, neste ano, de 115 mil famílias, sendo 47 mil até 31 de junho de 2004, dificilmente será cumprido. Levantamento realizado pela *Folha de S. Paulo*, 17-5-04 em diferentes Incras regionais revela que a falta de pessoal para executar assentamentos e excesso de burocracia irão emperrar as metas previstas para 2004. O problema não é a falta de recursos. “Os superintendentes em Minas e Pernambuco dizem que o motivo é a falta de pessoal; o de Santa Catarina culpa a falta de áreas para assentamento. No Inca mineiro, segundo o superintendente Marcos Helênio, a meta é assentar neste ano 4.500 famílias. O Inca-MG tem 118 funcionários. ‘Hoje não podemos responder totalmente ao desafio social de cumprir o PNRA. Não temos condições, mesmo havendo recursos orçamentários’. Do concurso público aberto pelo Inca nacional, caberá a Minas apenas nove novos servidores. Há dez anos, de acordo com Helênio, a superintendência mineira tinha mais de 200 funcionários. ‘Hoje temos 150 assentamentos, 118 funcionários e 15 mil famílias acampadas pressionando’. O superintendente do Inca em Recife, João Farias de Paula Júnior, considera ‘muito difícil, mas não impossível’, o cumprimento, pelo órgão, da meta de assentamento para este ano em

Pernambuco, de 6.800 famílias. Paula Júnior diz que o Incra já tem terra em estoque suficiente para isso. O problema, disse, é 'a carência de recursos humanos'.

O FMI ensina aos seus funcionários como explicar o inexplicável

Esse é o título da matéria do diário argentino *Página/12*, 18-5-04, relacionada à manchete *Sagradas Escrituras*, que ocupa praticamente toda a capa do jornal com uma foto de Anne Krueger, diretoria executiva do FMI. O jornal teve acesso a um 'manual' de como os funcionários do FMI devem responder às críticas mais comuns ao organismo. Para o jornal, "as respostas que burocratas do FMI devem oferecer às perguntas mais usuais são desopilantes". O jornal reproduz algumas perguntas e respostas que constam do manual: 'O programa do FMI impõe ajustes fiscais aos países em crise financeira'? A resposta: 'Não. Um país em crise financeira provavelmente enfrenta um período de ajuste tenha ou não um acordo com o FMI. O programa do FMI reduz a magnitude necessária do ajuste e contribui para que se consiga uma recuperação mais rápida do que em qualquer outro caso'. O jornal comenta que "as respostas sempre sugerem frases curtas e metáforas populares, num estilo próprio do marketing publicitário", como as que seguem: 'culpar o FMI pelas dificuldades que um país enfrenta em uma crise é culpar o doutor pela enfermidade do paciente' ou, 'a medicina num campo de batalha nunca é perfeita, por isso as recomendações do FMI em situação de crise não são receitas prontas, mas são revisadas freqüentemente à luz das circunstâncias'. 'O FMI favorece aos banqueiros e ao *establishment* econômico?', é a segunda pergunta que autoformula o manual do Fundo. A resposta sugerida aos funcionários recomenda a reconciliação do capital com o trabalho, sem imiscuir-se na incômoda questão da distribuição dos investimentos: 'O apoio do FMI a um país inclui: 1) assessoramento sobre as políticas que deveriam ser aplicadas; 2) financiamento para superar as dificuldades, políticas corretivas de restauração da confiança para que os capitais cheguem novamente ao país. Isso não deve ser visto como favorecimento aos banqueiros e às elites, esclarece o documento'. A matéria segue com uma série de outras perguntas e respostas.

Petistas e tucanos devem se unir

É o que defende José Eli da Veiga, professor-titular da FEA-USP, em sua coluna, *A história não os absolverá*, publicada no *Valor Econômico*, 18-5-04. "A melhor chance de o País se livrar da verdadeira herança maldita - a da ditadura militar - exige aliança PT-PSDB contra o atraso inerente aos clãs dos sarneys, calheiros, acms, bornhausens, e caterva", afirma o autor. Para ele, "são excelentes as análises de cientistas políticos que explicam as razões do confronto polarizado por PT e PSDB pelo poder. Mas isso não pode impedir que se reconheça nesse jogo partidário-eleitoral uma propensão contrária ao desenvolvimento da sociedade brasileira. Os últimos 503 dias mostraram com eloqüência que o PT não está minimamente preparado para governar e que sua atual tática de alianças só piora tal impotência. Lapso que também foi mais do que suficiente para escancarar a impossibilidade de o PSDB fazer genuína oposição a um governo que está dando firme continuidade à essência política do segundo mandato de FHC". Para José Eli da Veiga, "o Brasil só pode ser hoje governado por uma aliança entre os empresários assustados com a globalização e trabalhadores acoitados pelo desemprego". E pergunta: "qual dessas duas forças deu tônica ao primeiro terço de governo? Com certeza, não foram os coitados dos trabalhadores. Nem tampouco os apreensivos empresários". O economista conclui, "a história não absolverá os líderes petistas e tucanos se não cerrarem fileiras contra os oligarcas aos quais se encontram atados. Tomara que o resultado das eleições municipais faça cair essa ficha".

Imigrantes: a terceira economia latino-americana

Os imigrantes da América Latina, que trabalham nos Estados Unidos, enviaram US\$ 30 bilhões aos seus países de origem em 2004. Os dados foram divulgados em relatório do Fundo Multilateral de Investimentos (Fomin) do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), em Washington. A informação é da **Gazeta Mercantil**, 18-5-04. A matéria destaca que, “ao mesmo tempo em que bilhões de dólares fluem ao sul das fronteiras dos EUA, os imigrantes latino-americanos contribuem com US\$ 450 bilhões para a economia norte-americana, em muitos casos em trabalhos rejeitados por outros. Tomado em conjunto, o produto desta população representaria a terceira economia latino-americana, logo depois da brasileira e da mexicana”. “O crescimento dramático das remessas internacionais é testemunho do trabalho duro e dos esforços dos imigrantes que anseiam por uma vida melhor para si mesmos e para suas famílias”, comentou o gerente do Fomin, Donald F. Terry, em entrevista à imprensa realizada no National Press Club de Washington.

Lei 9840 contra a corrupção eleitoral ameaçada

Nos anos de 1999 e 2000, foram reunidas as assinaturas de mais de um milhão e meio de eleitores para apresentar ao Congresso Nacional um Projeto de Lei de Iniciativa Popular contra a corrupção eleitoral. Essa campanha ficou conhecida como ‘Voto não tem preço, tem conseqüências’, e também como a campanha de criação dos comitês 9840, principalmente no ano de 2000, ano eleitoral. A aprovação da lei 9840 foi o primeiro Projeto de Lei de Iniciativa Popular aprovado pelo Congresso Nacional. O objetivo da lei é punir com cassação imediata do registro ou do mandato para o candidato que, do início da campanha até o dia do pleito, oferecer ou der alguma vantagem ao eleitor em troca de votos. Agora a lei se encontra ameaçada. Projeto do senador César Borges (PFL-BA), procura modificar o texto da lei, dispondo que o candidato em campanha ou eleito flagrado no processo de compra de votos só tenha o registro ou o mandato cassado depois de transitada em julgado a sentença condenatória. A possível alteração desvirtua completamente a lei original e facilita novamente a impunidade para a compra de votos. De acordo com o sítio www.lei9840.org.br, a Lei 9840 que o Senado pode alterar permitiu a cassação de 116 mandatos até hoje. Diante da ameaça de alteração da lei a OAB e a CNBB estão lançando um movimento para que não se permita mudanças na lei que pune compra de votos.

Ricos comem carne e pobres consomem farinhas

É o que constata a Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 do IBGE, divulgada dia 19 de maio de 2004. Segundo informações da **Agência do Estadão** de 19-5-04, “as famílias com renda média mensal acima de R\$ 6.000,00 consomem mais do que o dobro de carne bovina, ao ano, do que consomem anualmente as famílias com rendimento médio de até R\$ 400 mensais. A pesquisa mostra ainda que o consumo anual de carne de frango, por cabeça, nas famílias com esta renda mais alta, é 54% acima do volume consumido por aquelas famílias com renda mais baixa. O menor consumo de carne por parte das famílias de baixo poder aquisitivo é compensado por produtos como farinha, arroz e feijão”. A pesquisa do IBGE revela também que “o consumo anual de farinha de mandioca pelas famílias com renda média mensal até R\$ 400,00 é sete vezes superior ao registrado no consumo médio anual per capita das famílias com renda média acima de R\$ 6.000,00. As famílias de renda média mensal até R\$ 400,00 também adquirem quantidade per capita de arroz 27,5% acima do montante consumido, por cabeça, nas famílias com renda mais alta; e consomem quantidade anual de feijão 39,5%

superior à aquisição anual do mesmo produto pelas famílias com renda média mensal acima de R\$ 6.000,00”.

CPT: agronegócio substituirá o latifúndio

“O ‘agronegócio’ substituirá o ‘latifúndio’ como alvo principal das ações da Comissão Pastoral da Terra (CPT), entidade ligada à Igreja Católica que há 30 anos acompanha os conflitos no campo”. A informação é do site de notícias **Agência Carta Maior**, 18-5-04. “A decisão de dar prioridade à versão mais arrojada do capitalismo rural foi definida no final de semana retrasado, durante a 17.ª Assembléia Nacional da CPT, em Goiânia, e deve-se a um diagnóstico recente: mais do que pela grande propriedade, a violência no campo é causada hoje por um modelo agrícola calcado no agronegócio exportador, que vem se expandindo e engolindo, além de ecossistemas já ameaçados, como o Cerrado, a Amazônia e o Pantanal, um número crescente de pequenas propriedades”. A notícia afirma que “para o presidente da CPT, Dom Tomás Balduino, a diferença entre o latifúndio e o agronegócio é que o primeiro, apesar de constituir um dos problemas sociais mais antigos do País, é um conceito ‘defensivo’. ‘A agressão vem do agronegócio: é ele que exige expansão territorial, que destrói o meio ambiente, que engole as terras dos pequenos agricultores e dos posseiros’. Baseado no levantamento sobre os conflitos agrários de 2003, o documento resultante da assembléia afirma que ‘onde cresce o agronegócio crescem, na mesma proporção, o conflito e a violência’”.

TST anula jornada menor na Volks-Audi

O Tribunal Superior do Trabalho (TST) anulou a redução da jornada de trabalho dos empregados da Volkswagen-Audi de São José dos Pinhais (PR), de 42 para 40 horas semanais. O corte tinha sido determinado pelo TRT do Paraná, julgando greve da categoria. Em sua sentença, o ministro Vantuil Abdala afirmou que a decisão não encontra respaldo na jurisprudência majoritária do TST sobre o tema. Segundo ele, a flexibilização da jornada de trabalho é viável apenas mediante acordo ou convenção coletiva de trabalho. Ao conceder o efeito suspensivo requerido pela Volkswagen, o ministro Vantuil Abdala afirmou que há “grande possibilidade” de que a decisão normativa do TRT/PR seja reformada pela Seção de Dissídios Coletivos (SDC) do TST, quando o recurso ordinário que a contesta for julgado. A informação é do sítio www.tst.gov.br – *últimas notícias*.

5º FSM: mudanças importantes

O 5º Fórum Social Mundial - 26 a 31 de janeiro de 2005 - aposta em um novo formato. O novo formato do FSM foi desenhado durante uma reunião do Conselho Internacional, realizada entre 4 e 7 de abril, em Passignano sul Trasimeno, Itália. A idéia é permitir que pessoas e organizações interessadas em lutar pelos mesmos objetivos possam efetivamente se encontrar, se articular e planejar ações comuns. Para tanto, o FSM pretende multiplicar os mecanismos capazes de assegurar essa possibilidade. Este ano, ao inscrever uma Oficina ou Seminário, cada organização será logo em seguida informada, no espaço de internet do FSM, sobre quais as outras atividades auto-organizadas já previstas com o mesmo assunto. O sistema fornecerá também os contatos das organizações responsáveis pelas iniciativas. A idéia é permitir que os diálogos e articulações, entre os que lutam por um mundo novo, comecem antes do Fórum Social Mundial. Espera-se que isso conduza, em muitos casos, a unificação de Oficinas e Seminários. As possíveis articulações se iniciarão através de um questionário-consulta, que estará disponível em breve. O objetivo, agora, é organizar grandes atividades definidas a partir das consultas. A fase de inscrição e aglutinação final das atividades durará três meses: de agosto a outubro. A mudança é, acima de tudo, uma aposta, informa a carta circular - de 19-5-

04 - da Secretaria do Fórum Social Mundial: “estamos convencidos de que, após quatro edições, já é possível realizar um Fórum que conserve plenamente sua marca de diversidade - e que, além disso, seja mais capaz de facilitar a formulação de alternativas e a construção de ações comuns”.

Previdência: segunda maior fonte de renda dos brasileiros

A Pesquisa de Orçamentos Familiares 2002-2003 do IBGE, amplamente divulgada na semana passada, revelou que as famílias brasileiras possuem um rendimento médio de R\$ 1.789,00. Desse total, a fonte de maior parte dos recursos é a renda do trabalho, que corresponde, em média, a 62% do total. A novidade está no fato de que a Previdência Social representa a segunda maior fonte de renda dos trabalhadores, pois os benefícios pagos pela instituição correspondem a 15% do total de recursos que chegam às famílias. O maior número de famílias, cerca de 21%, ganham entre R\$ 600,00 e R\$ 1.000,00 e apenas 5,1% das 48 milhões das unidades familiares ganham mais de R\$ 6.000,00, sendo que a desigualdade de renda se agrava conforme as desigualdades regionais, ou seja a renda média no Nordeste, a mais baixa, corresponde a menos da metade da registrada no Sudeste. A informações são da **Folha de S. Paulo**, 20-5-04.

Informação, poder e ética

“Acabou-se a manipulação da informação sem resposta por parte da sociedade”. A opinião é do sociólogo Manuel Castells, analisando os reflexos dos atentados de 11-M na Espanha. Na opinião de Castells - conhecido no Brasil por sua obra **A Era da Informação. Economia, Sociedade e Cultura**, em três volumes: *A Sociedade em Rede*, *O Poder da Identidade e Fim de Milênio*, publicado no Brasil pela editora Paz Terra -, “a difusão através da Internet das fotografias de torturas dos presos iraquianos, estão provocando mudanças importantes no mundo das comunicações: os meios tradicionais estão sendo substituídos em parte pela telefonia móvel e pela Rede Mundial de Computadores (a WEB)”. As afirmações do sociólogo foram feitas em um debate sobre ‘Informação, poder e ética no século XXI’, e reproduzidas em matéria do **El País**, 20-5-04.

Frases da semana

As metas de inflação: modo errado de fazer política econômica?

“Não acredito que o sistema de metas de inflação funcione, especialmente no Brasil, onde há tantos objetivos para serem cumpridos: crescimento econômico, distribuição de renda, elevação do padrão de vida e equilíbrio do balanço de pagamentos. De forma genérica, digo que, para cumprir todos esses objetivos, não é possível visar em apenas um objetivo -controlar a inflação- e usar apenas uma arma -controle das taxas de juros. Acharmos que esse é o modo errado de fazer política econômica” - **Philip Arestis**, especialista em macroeconomia e finanças internacionais da Universidade de Cambridge” – **Folha de S. Paulo**, 24-5-04.

“Nós defendemos uma mudança no paradigma. Por que não estabelecer uma meta de emprego em vez de uma meta de inflação?” - **Philip Arestis**, especialista em macroeconomia e finanças internacionais da Universidade de Cambridge” – **Folha de S. Paulo**, 24-5-04.

Na verdade, o governo Lula tem sido muito, mas muito melhor do que o mercado esperava e uma das razões para o sucesso do governo- que, apesar do choque inflacionário sofrido em

2002, antes da eleição, conseguiu trazer a inflação de volta para um nível apropriado- foi sua atitude responsável em termos da reforma previdenciária” - **Frederic Mishkin**, economista, professor da universidade Columbia, em Nova York – **Folha de S. Paulo**, 24-5-04.

Metas de inflação: um mito!

“O regime de metas de inflação, como todos os regimes monetários, é um mito” – **João Sayad** economista, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP – **Folha de S. Paulo**, 24-5-04.

“Na semana passada, o Banco Central errou e revelou a verdade: manteve os juros altos porque teme a volatilidade da taxa cambial, que causaria inflação. Deu para ver que a barba do Papai Noel era postiça: a meta é a taxa cambial, e não a inflação. É um escândalo: teria sido melhor acumular reservas no ano passado para estabilizar o câmbio do que fixar juros que não conseguimos pagar. A decisão custou R\$ 2 bilhões” - **João Sayad** economista, professor da Faculdade de Economia e Administração da USP – **Folha de S. Paulo**, 24-5-04.

PT – PSDB – PSB. Tudo o mesmo?

“De vez em quando penso que estamos no mesmo partido”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente da República, referindo-se a Marconi Perillo, governador de Goiás pelo PSDB e Ronaldo Lessa, governador de Alagoas pelo PSB - **O Globo**, 18-5-04.

“Às vezes, um passinho aqui e um passinho ali são mais sólidos do que um grande passo que te dá uma distensão muscular e você não consegue dar o segundo passo”. - **Luís Inácio Lula da Silva**, presidente da República - **O Globo**, 18-5-04.

“Por mais que se esforce, Lula não poderá ser melhor que Fernando Henrique. Ele não fará milagres”. - **Gilberto Gil**, ministro da cultura - **O Globo**, 18-5-04.

Cena brasileira

“Quando me canso, vou para o Sauípe (no jatinho particular) tomar sol com as minhas amigas e pegar energia boa”- **Fernanda Rolim Oliveira**, 22 anos que trabalha na Daslu, na matéria *Juventude montada na grana* - **Carta Capital**, 19-5-04.

“Não tenho nenhum remorso por ser rico. Minha família veio da Europa para o Sul do Brasil praticamente sem nada. Se conseguiu chegar aonde chegou em quatro gerações, então é uma questão de esforço, de ter boas idéias. Não tenho neuras com isso”.- **Fernanda Rolim Oliveira**, 22 anos que trabalha na Daslu, na matéria *Juventude montada na grana* - **Carta Capital**, 19-5-04.

Os juros custam 29,5% do Orçamento

“O pagamento de juros e amortizações custarão ao Tesouro 29,5% do Orçamento. Fazendo uma comparação: um mês de juros corresponde ao gasto anual com atenção hospitalar e ambulatorial de todo o Sistema Único de Saúde. Dez dias correspondem aos recursos do programa Bolsa Família. Uma semana é mais que os recursos do Brasil Escolarizado. Um dia, o previsto para a construção de casas populares. Uma hora é mais que o destinado à conservação de monumentos históricos. Finalmente, um minuto corresponde à alocação anual do que foi alocado à política de direitos humanos”. – **Márcio Moreira Alves**, jornalista – **O Globo**, 23-5-04.

As 6 mil línguas

“Não há línguas primitivas. A confusão se instalou entre aqueles que usam línguas que têm escritura, pensam que é superior às outras porque têm grandes literatos. Mas das 6 mil línguas que há no mundo, somente 6% tem codificação escrita e precisamente uma das grandes tarefas pendentes para os lingüistas no seu combate para salvar as línguas é documentá-las.” – **David Crystal**, sociolingüista britânico, considerado uma autoridade mundial no triste tema da morte das línguas – *El País*, 22-5-04.

A língua inglesa não é mais a dominante na Internet

“Em 2003, o inglês deixou de ser a língua dominante na Internet. Menos de 50% das páginas na Internet estavam escritas em inglês. É o idioma mais usual, mas já não é o dominante.” - **David Crystal**, sociolingüista britânico, considerado uma autoridade mundial no triste tema da morte das línguas – *El País*, 22-5-04.

O sonho de Kirchner

“É preciso que construir um empresariado nacional. Esta é a minha visão da Argentina: voltar a ter uma nação. Assim, a discussão já não será mais a exclusão, a pobreza e a indigência, mas a distribuição da renda, do bolo. E nessa Argentina voltarão as grandes mobilizações operárias porque antes se terá reconstruído uma grande classe trabalhadora.” – **Nestor Kirchner**, presidente da Argentina – *Página/12*, 23-5-04.

Fahrenheit 9/11

“Graças ao festival de Cannes, também o povo americano poderá ver o filme Fahrenheit 9/11.” – **Michael Moore**, diretor do filme premiado com a Palma de Ouro do Festival de Cannes – *Il Manifesto*, 23-5-04.

EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

Simpósio Internacional

O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI

O Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, que celebra o centenário do nascimento de Karl Rahner, inicia hoje, dia 24 de maio de 2004 e estende-se até o próximo dia 27 de maio. Entre seus objetivos estão os de “refletir teologicamente sobre o desafio representado pelas maiorias pobres e excluídas da modernidade e o papel da Universidade neste contexto” e “aprofundar a reflexão sobre os limites e as possibilidades do lugar da teologia na pós-modernidade e no confronto com as ciências”. Destinado às instituições de ensino superior e às comunidades acadêmicas em geral, o simpósio será composto de conferências, oficinas e minicursos. A conferência inaugural será realizada pelo professor doutor Rubens Ricupero, Secretário Geral da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Ele abordará o tema **A grande transformação socioeconômica da sociedade capitalista pós-moderna: desafios e perspectivas, tendo em vista o lugar da universidade e da teologia no século XXI**. Entre os conferencistas estão

também os professores doutores João Batista Libânio, do Instituto Santo Inácio/MG; John Milbank, da Universidade de Virginia (EUA); Michael Amaladoss (Índia); David Tracy, da Universidade de Chicago (EUA); e Andrés Torres Queiruga, da Universidade de Santiago de Compostella (Espanha).

O Simpósio é uma promoção da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, através do Instituto Humanitas Unisinos, e conta com o apoio do Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação e Assessoria (CECA); Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC/RS); Centro Loyola de Fé e Cultura (PUC/RJ); Universidade Católica de Pelotas (UCPel); Escola Superior de Teologia da IECLB (EST); Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF); Centro de Investigação e Ação Social/Instituto Brasileiro do Desenvolvimento (CIAS/IBRADES); Centro de Pesquisas e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT); Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI);

Atividades culturais

O Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI* também contará com atividades culturais e artísticas. Já na abertura do evento, haverá uma apresentação da Orquestra Unisinos e no encerramento do Simpósio, haverá uma celebração inter-religiosa, promovida pelo Programa Gestando o Diálogo Inter-religioso e Ecumenismo (GDIREC), do IHU. No entardecer de amanhã, terça-feira, dia 25 de maio, ocorrerá a encenação do auto de natal pernambucano *Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto*. A peça é uma montagem da oficina de teatro da Unisinos. Um dos textos mais importantes da Literatura Brasileira, ***Morte e Vida Severina*** é a obra mais conhecida de João Cabral de Mello Neto, devido às montagens teatrais e televisivas. Retrata a trajetória de um sertanejo que abandona o agreste, rumo ao litoral, encontrando, nesta migração, apenas a morte, seja por causa da seca e da subnutrição, seja causada pelos cabras dos coronéis latifundiários. ***Morte e Vida Severina*** foi adaptado para o cinema e para a TV. Em ambos os casos, Severino foi interpretado pelo ator José Dumont. O filme de Zelito Viana é dos anos 1970 e o especial de fim de ano da Rede Globo, em formato de minissérie foi realizado e dirigido por Walter Avancini, em 1981. Nas duas representações a música foi de Chico Buarque de Holanda. A minissérie global contou com a encenação de Elba Ramalho e Tânia Alves.

A montagem que será apresentada no Anfiteatro Pe. Werner reúne 33 participantes da Oficina de Teatro Unisinos, do Movimento Coral Unisinos e do Projeto Sinos Acorda (alunos das classes de flauta e violão). A direção geral é de João Biratan Vieira, e a direção musical e os arranjos, de Bontzye Schmidt Sandoval.

IHU On-Line conversou com o professor João Biratan Vieira sobre a organização da peça e a importância de João Cabral de Mello Neto. O professor leciona nas Ciências da Comunicação da Unisinos e desenvolve atividades de apoio à TV Unisinos.

***IHU On-Line* – Como é feito o trabalho da Oficina de Teatro da Unisinos?**

João Biratan Vieira – A Oficina acontece comigo, desde 1995, sempre às segundas-feiras e aos sábados na Antiga Sede da Unisinos. Ao longo desses anos ela tem se caracterizado pela produção de espetáculos que vão “coroando” os semestres. Faz dois anos que estamos ligados à Difusão Cultural. A oficina das segundas-feiras é a de número 1 e a oficina de sábado é a de número 2. *Morte e vida severina* está sendo feito pela oficina 2. Essa peça traz uma parceria nova entre a Oficina de Teatro e o Coral Unisinos. O resultado está sendo muito bonito. Será uma conquista estética para a Unisinos. A Oficina é integrada por alunos de todas as unidades acadêmicas de ensino da Universidade, funcionários e pessoas da comunidade.

IHU On-Line - Qual a importância do poema que será representado e do autor João Cabral de Melo Neto?

João Biratan Vieira – O poema Morte e vida severina é muito importante nesse momento, não só pela beleza do texto e pela importância do autor, João Cabral de Melo Neto, que é representante da geração da poesia de 1945, mas também porque, ao longo de toda a reflexão ao trabalhar o texto, percebemos que ele é muito atual. Se nós pensarmos no Programa Fome Zero, no MST, na reforma agrária, a reflexão sobre esses temas está toda dentro do texto. Também é preciso ressaltar a beleza do texto, que é de uma poesia maravilhosa. Estaremos bem enriquecidos.

IHU On-Line – Como foi a adaptação da peça para a apresentação na Universidade?

João Biratan Vieira – Adapte o texto para ser feito por vários atores. Ele é um poema, um auto de natal pernambucano, que fala de um homem, o Severino, que sai da sua terra à procura de água e melhores condições de vida, e chega ao Recife, em Pernambuco. Ele pensa, então, que irá resolver todos seus problemas, mas vê que a questão é bem mais profunda. Neste momento de total desespero do personagem, acontece o nascimento de uma criança. Aí o autor faz toda uma reflexão a respeito da miséria do País e da questão da esperança, que é uma das coisas fundamentais no texto. Apesar de todas as amarguras e dificuldades, sempre deve existir a esperança. A vida é o mais importante. No momento em que nasce uma criança, renasce no coração dos homens a esperança de um mundo melhor, de uma sociedade mais justa. Este texto tem o Severino, que vai passando por diversas situações até o final. Como se trata de uma oficina de teatro, eu abri esse personagem para que vários atores o interpretem. Isso torna o espetáculo mais dinâmico e oferece oportunidade para várias pessoas trabalharem.

IHU On-Line – Qual a relação que se pode estabelecer entre Morte e vida severina e a discussão sobre o lugar da Teologia na universidade do século XXI?

João Biratan Vieira – Podemos repensar a possibilidade de um renascimento do humanismo. A partir do espetáculo, se volta novamente a pensar no ser humano como a fonte principal dentro da sociedade. Essa é a grande possibilidade que o texto coloca: o ser humano.

A programação do evento pode ser conferida no sítio www.ihu.unisinos.br. A programação impressa do simpósio será distribuída para todos os participantes do evento.

Cadernos IHU Idéias n.º 15

A coleção **Cadernos IHU Idéias** está publicando o caderno de número 15. Esse caderno tem como tema **Medicina social – Um Instrumento para Denúncia**, de autoria da Prof^a. Dr.^a Stela Nazareth Meneghel. A escolha da autora teve como objetivo fazer um retorno aos pressupostos dos médicos sociais do século XVIII, precursores do entendimento do caráter social da saúde/doença e da denúncia das injustiças e da pressão como determinantes do adoecimento humano. Os tópicos abordados nesse trabalho são: a origem, objetivo e compreensão da medicina social; a epidemiologia como uma das ferramentas da medicina social; equidade em saúde; os estudos sobre as desigualdades; a epidemiologia (e a medicina social) que queremos fazer. O tema foi apresentado no evento IHU Idéias de 27 de novembro de 2003. A professora é graduada em Medicina, com mestrado e doutorado em Clínica Médica pela UFRGS. O título de sua tese de doutorado é "Famílias em pedaços - um estudo sobre violência e agressividade na adolescência". O **IHU On-Line** n.º 86, de 1º de dezembro de 2003, publicou entrevista com a autora do caderno, sob o título "Medicina social e saúde como instrumento de denúncia".

Os **Cadernos IHU Idéias** podem ser adquiridos na Livraria Cultural ou pelo endereço eletrônico humanitas@poa.unisinos.br

IHU Idéias

A última edição de **IHU Idéias**, no dia 20 de maio, teve como tema *São Leopoldo: arquitetura moderna e perspectivas de patrimônio*. A Prof^a. MS Tânia Torres Rossari, das Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos, conduziu a explanação, assessorada por Maroni Klein, acadêmica de Arquitetura na Unisinos. A professora concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** no n.º 101, de 17 de maio de 2004.

Ecos do evento

“A discussão foi interessante porque o assunto é muito pertinente e fica melhor ainda porque a professora domina-o e apresenta-o de forma didática e acessível. Destaco a ênfase dada ao aspecto da arquitetura local, debatendo sobre a contribuição, o que se pode fazer no futuro com base nas análises do passado”.

Luciano Gallas, jornalista formado pela UFRGS e repórter do Jornal VS, de São Leopoldo.

“A palestra foi muito válida para mim, pois moro em Porto Alegre e estudo aqui na Unisinos. Desejo conhecer melhor a cidade para onde venho todos os dias estudar. É interessante sairmos do nosso local e aprendermos a conhecer e respeitar a cultura de outros espaços”.

Humberto Damilano, aluno do curso de Arquitetura da Unisinos.

AVISO

Não haverá **IHU Idéias** na próxima quinta-feira, dia 27 de maio, em função do Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, promovido pelo IHU, e que estará ocorrendo a partir de hoje, 24 de maio. O evento acontece todas as quintas-feiras, na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, é gratuito e aberto a toda a comunidade acadêmica.

Abrindo o Livro

No último dia 19 de maio de 2004, o Prof. MS Solon Eduardo Annes Viola, das Ciências Humanas da Unisinos, apresentou o livro **A Nova política de classes**, de Klaus Eder, durante o evento **Abrindo o Livro**. Confira a entrevista concedida pelo professor ao **IHU On-Line** na edição n.º 101, de 17 de maio de 2004.

Ecos do evento

“Achei interessante a explanação. Eu já conhecia o livro, mas fiquei impressionada pela exposição do professor Solon, que abordou criticamente a obra, destacando sua importância dentro da atual teoria social dos movimentos sociais. O professor enfatizou como esse livro retoma um tema relativamente abandonado, que é o tema da classe social. Ele frisou a importância do movimento dos direitos humanos e do movimento ambiental como aqueles capazes de aglutinar amplamente as demandas da atual sociedade”.

Prof^a. Dr.^a Rosemary Brum, professora e coordenadora adjunta do curso de Ciências Sociais da Unisinos

“Foi muito bom porque, além de conhecer o que o autor está colocando em relação aos movimentos sociais, vinculando ao conceito de classe social com diversos autores, fez-se uma discussão sobre os movimentos sociais e seu lugar no mundo contemporâneo”.

Prof^a. MS Ana Mercedes Sarria Icaza, professora nas Ciências Humanas da Unisinos e integrante do Programa de Tecnologias Sociais para Empreendimentos Solidários do IHU

Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault

A última edição do **Ciclo de Estudos sobre Michael Foucault**, no dia 18 de maio passado, tratou do tema *O laboratório de Foucault: decifrar, ordenar e explicar*, que foi ministrado pela Prof^a. Dr.^a Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos. A edição n.º 101 do **IHU On-Line** publicou uma entrevista com a professora sobre o tema.

Ecos do evento

“Foi a primeira vez que ouvi a professora Márcia Tiburi falar e fiquei surpresa com a concretude e, ao mesmo tempo, a leveza com que ela trata de um tema tão complexo e profundo, que é a questão da lógica do pensamento de Foucault. Achei interessante a construção histórica da loucura que a professora fez, explicando a inversão que existe entre loucura e razão, dois opostos que são regidos pela mesma lógica, segundo o pensamento foucaultiano”.

Alessandra Strauss, aluna do curso de Psicologia da Unisinos

“O Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault está sendo bem interessante, por abordar temas diferenciados, abrangendo diversas áreas. Assim podemos ter uma visão do pensamento e da obra de Foucault sob diferentes olhares. O próprio Foucault apresenta um eixo transdisciplinar que interessa diferentes campos de saberes”.

Prof^a. MS Evandra Grigoletto, das Ciências da Comunicação da Unisinos

Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O livro **Os donos do poder**, de Raymundo Faoro, foi o objeto de estudo da última edição do evento **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, que aconteceu dia 20 de maio de 2004. A Prof.^a Dr.^a

Helga Landgraf Piccolo, professora aposentada da UFRGS, foi a responsável pela condução do debate.

Ecos do evento

“A palestra foi interessante porque a professora contextualizou a produção do livro com informações das diversas edições da obra. O que enriquece a discussão é o debate com o público, ao final da explanação, abrindo mais o tema”.

Diego Flores, formado em História pela UFRGS e professor do Ensino Fundamental em Eldorado do Sul

“Eu tinha conhecimento de apenas algumas partes do livro, pelas discussões em sala de aula, e a professora preencheu a lacuna fazendo um apanhado geral de **Os Donos do Poder**. E interessante foi a forma como ela abordou, destacando as mudanças entre o período anterior e posterior à primeira república”.

Maria Aparecida Damaceno, aluna do curso de História da Unisinos

Atendimento espiritual online Um novo serviço do IHU

Em um tempo de diversas crises e questionamentos sociais, econômicos, familiares, existenciais, religiosos e de tantas outras ordens, surge uma necessidade nos diversos ambientes da sociedade de pessoas capacitadas para escutar, aconselhar, orientar. É por isso que o Instituto Humanitas Unisinos está oferecendo um novo serviço à comunidade universitária. Trata-se do atendimento espiritual online. O serviço surgiu a partir de uma demanda de estudantes da Unisinos em relação a espaços na universidade onde encontrar uma ajuda personalizada para enfrentar crises existenciais e inquietações religiosas. Uma equipe especializada em acompanhamento pastoral e psicológico, integrada por padres e irmãs, propicia aos alunos acolhimento e acompanhamento no crescimento integral, humano e espiritual. As pessoas interessadas podem enviar suas mensagens acessando www.ihu.unisinos.br, escolhendo a opção “orientação espiritual online”, e especificando seu nome e e-mail. A pessoa receberá uma resposta rápida até, no máximo, 72 horas após enviar sua mensagem. Prestará este serviço uma equipe constituída por Susana Rocca, psicóloga, Pe. José Roque Junges, teólogo moral e padre jesuíta, Cristina Gianni, pastoralista, Geraldo Kolling, psicólogo e padre jesuíta, e Pe. Isidro Sallet, padre jesuíta.

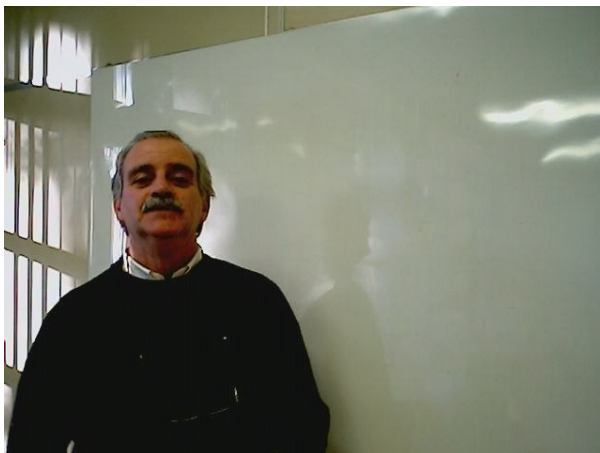
Um ano do sítio do IHU

Há um ano, mais precisamente durante o Simpósio Internacional *Água: Bem Público Universal*, foi inaugurada a página do Instituto Humanitas Unisinos na Internet (www.ihu.unisinos.br). O sítio reflete os propósitos do IHU, que está atento aos novos problemas e questões suscitadas pelas transformações contemporâneas, e busca respostas aos desafios desta época. Ousadia, criatividade, reflexão, pesquisa, pensamento crítico, sensibilidade social, preocupações com a formação integral e a promoção da justiça são algumas das suas características. Este

diferencial, evidenciado pelo perfil das atividades e produtos do IHU, registrados e divulgados pelo sítio, também está presente na seleção e publicação diária de notícias, resumidas a partir de uma pesquisa que abrange as principais publicações nacionais e algumas estrangeiras. O material publicado no sítio, as notícias selecionadas e a edição das mesmas, desejam contribuir para a emergência de um novo paradigma civilizacional, instigando novas reflexões e atitudes. Além das notícias diárias, os internautas podem fazer download, na página do IHU, de todas as edições do **IHU On-Line**, de diversos artigos disponibilizados e obter informações sobre o Instituto Humanitas Unisinos. No primeiro aniversário da página estamos oferecendo um novo serviço: Atendimento espiritual online, conforme nota logo acima. Desde o dia 21 de julho de 2003 estamos contabilizando o número de acessos. Até o dia de hoje, 24 de maio de 2004, 18.302 visitantes consultaram a página www.ihu.unisinos.br

IHU REPÓRTER

Pedro Osório



*O contato com o campo, as diversas experiências de militância política e sindical, a passagem pelo exército, o convívio familiar e exercício da docência têm sido momentos importantes na vida de Pedro Luiz da Silveira Osório, jornalista, professor do curso de Jornalismo da Unisinos, e um dos redatores do **IHU On-Line** desde agosto de 2003. Ele relata na entrevista a seguir, sua história de vida, sonhos e desafios.*

Origens – Nasci em Jaguarão, ao sul do Rio Grande do Sul. Vivi lá poucos anos. Meu pai era missioneiro. Nasceu em Santo Ângelo e mudou-se para lá, acompanhando o irmão, que era professor. Lá, casou-se com minha mãe, que era filha de uma viúva de um pequeno fazendeiro. Voltamos para Santo Ângelo, com uma breve passagem por Porto Alegre. Vivi e me criei em Santo Ângelo desde os três anos de idade. Sou o filho mais moço. Minhas duas irmãs mais velhas são professoras. Minha infância foi marcada pela relação com a campanha, em Jaguarão. Esse ambiente definiu boa parte da minha personalidade. Além dos meus pais, duas figuras, dois homens do campo, me marcaram muito: meu tio materno e meu padrinho. Esses dois homens formaram meu lado mais ligado à terra. Sempre que podíamos, nós íamos para Jaguarão, para o campo. Meu pai lia muito, minha mãe compreendia a importância dos estudos. Devo aos dois o meu interesse pelos livros. O interesse pela política, devo ao meu pai.

Formação – O primário e o científico cursei em escolas públicas e tive a felicidade de cursar o ginásio num colégio Marista, em Santo Ângelo, através de uma bolsa que minha mãe conseguiu. Esse convívio com os professores maristas influenciou bastante a minha postura

como professor. Fiz Jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. Até dois meses antes do vestibular, queria ser veterinário, seguindo minha ligação com o campo. Eu não sabia bem o que era o jornalismo, mas, nessa época, minha vida já estava muito marcada pela leitura de jornais alternativos, pelas idéias de mudanças sociais, que me levaram ao jornalismo. Alguns anos depois da formatura, ingressei no Mestrado em Sociologia Rural, na UFRGS. Concluí todos os créditos do curso, porém não fiz a dissertação, porque estava envolvido com diversas atividades profissionais e de militância. Reivindiquei o certificado de especialista em Sociologia, ao qual eu tinha direito. Faz um ano e meio que concluí o mestrado em Comunicação na UFRGS. Ainda pretendo fazer o doutorado.

Trajetória – Desde cedo, em Santo Ângelo, me envolvi com atividades estudantis e políticas. O movimento estudantil também formou a minha personalidade. Mais tarde ingressei no MDB, então um guarda-chuva de muitas organizações clandestinas, e eu tinha participação em uma delas. Integrei o Partido Revolucionário Comunista (PRC). Depois ingressei no PT, e em seguida o PRC foi extinto. Em 1973, em Santa Maria, militei na época da repressão. O movimento estudantil estava ressurgindo aos poucos. Morei na Casa do Estudante nº 1, e fui presidente dela e do Diretório Acadêmico do centro de ensino ao qual eu pertencia na UFSM, o Dadeca. Militei também no Sindicato dos Jornalistas gaúchos, do qual faço parte da Diretoria, atualmente. Também sou da Comissão de Ética da Federação Nacional dos Jornalistas. Servi ao Exército Brasileiro durante quatro anos. Três dos quais como oficial temporário, o chamado R2, no 3º Regimento de Cavalaria, em São Luiz Gonzaga. Durante esse período, lia muito Nelson Werneck Sodré, um general e escritor de formação marxista, afastado do exército pelo golpe militar. Era uma forma de me proteger da ideologia predominante nos quartéis. Na época, eu ainda achava que viveríamos uma revolução, e que seria útil, se eu soubesse combater. Mas é verdade que eu tinha apreço pela vida militar. Ali eu comecei a perceber que o mundo não era feito só dos certos e dos errados, da esquerda e da direita. Guardo boas lembranças de muitas figuras humanas que encontrei na caserna. Orgulho-me de ter convivido com elas.

Profissão – Ainda na época da faculdade, em Santa Maria, trabalhei em rádios e jornais locais, como o *Jornal Expresso* e a *Rádio Medianeira*. Nessa rádio, que era da diocese, convivia com freqüência com Dom Ivo Lorscheiter, que era presidente da CNBB na época. Trabalhei também na sucursal de Santa Maria da Companhia Jornalística *Caldas Júnior* e num jornal semanal chamado *O Interior*, da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja (Fecotrigo) inicialmente em Carazinho e depois em Porto Alegre. *O Interior* difundia o cooperativismo e debatia a política para o setor, mobilizando os pequenos produtores rurais. Viajei muito, conhecendo cada pedaço deste Estado e boa parte do Centro-Oeste do Brasil. Foi somente aí que comecei a me questionar sobre o que seria, realmente, a prática do jornalismo, e resolvi estudar sociologia rural. Na época, começo da década de 1980, os cursos de pós-graduação em comunicação eram muito raros. Passei também pela sucursal de Porto Alegre do jornal *Gazeta Mercantil* e pelo *Diário do Sul*, onde fui repórter e um dos editores. Depois disso, trabalhei na Coordenação de Comunicação do Governo Municipal de Porto Alegre, quando Olívio Dutra foi prefeito, na área de Projetos Especiais. Coordenei a parte de comunicação da campanha do Tarso Genro para o primeiro governo dele na prefeitura de Porto Alegre e, com ele, fui secretário de Comunicação do Governo Municipal. Saindo de lá, trabalhei no Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação (EPCOM), especializado em políticas públicas de comunicação. Eu editava um boletim on-line diário chamado *AcessoCom*. Entrei como professor na Unisinos, em 1989, convidado pelo professor Sérgio Endler. Lecionar, para mim, é um ato de realização pessoal, mais do que praticar jornalismo. Acho que é possível trabalhar mais e melhor com as

idéias em sala de aula do que num jornal. Desde o semestre passado, estou vivendo a experiência inédita de me dedicar somente à Unisinos, pois durante todos os anos em que atuei como professor também atuei como jornalista fora da universidade, em assessorias ou como editor. Agora, pratico o jornalismo no **IHU On-Line**. A equipe é pequena e as exigências são muitas, temos um ritmo típico de redação. O trabalho é gratificante, pelo material que se produz.

Família – Sou casado com a Bita Sória. Ela é jornalista, atualmente é a coordenadora dos programas de rádio e televisão *Cidade Viva*, da Prefeitura de Porto Alegre. Admiro-a muito. Tenho um filho do primeiro casamento, o Moreno, que tem 21 anos e estuda Informática e Jornalismo aqui na Unisinos. A mãe dele, minha primeira esposa, chama-se Bema, é professora de Educação Artística. A Bita tem três filhos do seu primeiro casamento: o Tiago, o Lucas e a Béia, e uma neta chamada Maria Eduarda, que me chama de “vô-e”, uma espécie de sigla de “avô emprestado”. As duas famílias convivem muito bem, o que nos orgulha bastante.

Autor – Julio Cortázar.

Livros – **O Tempo e o Vento**, de Érico Veríssimo, especialmente os dois primeiros livros da trilogia, que são *O Continente* e *O Retrato*, e **Germinal**, de Émile Zola.

Filme – *Olhos Negros*, com Marcello Mastroianni, dirigido pelo russo Nikita Mikhalkov.

Presente – Um livro ou CD.

Nas horas livres – Gosto de ler, estar com a família e os amigos e ir ao cinema.

Experiência marcante – Em 1979, eu e dois amigos, Luís Sérgio Metz, jornalista e escritor, já falecido, e o Tau Golin, jornalista, escritor e professor na Universidade de Passo Fundo, fizemos uma viagem a cavalo, de 16 dias, de Santa Maria a Jaguarão. Produzimos um relato da viagem que foi publicado no *Caderno de Sábado*, do *Correio do Povo*. Foi a celebração de uma amizade e um mergulho no interior do Rio Grande do Sul. Chegávamos como um gaúcho qualquer pedindo pousada, sem anúncio prévio. É uma passagem da vida que gosto de lembrar. Foi algo bem diferente das cavalgadas que os tradicionalistas começaram a fazer depois, apoiados por veterinários, cozinheiros e sei lá o que mais. Também foi muito marcante o fato de ter sido o paraninfo da turma de Jornalismo 2003/2.

Sonho – Meu sonho é trabalhar apenas 40 horas por semana e ter mais tempo livre para ficar com os outros e comigo mesmo. Em toda minha vida profissional, sempre trabalhei mais de 40 horas semanais. Aos 50 anos, este é um desejo que tenho, para poder ter momentos de lazer e me dedicar a atividades voluntárias.

Unisinos – Admiro a Unisinos por ser uma Universidade que está constantemente tentando se adaptar aos tempos novos e que busca novos rumos com o peito aberto, publicamente. Ela admite que está procurando novas propostas e vai adiante com seus erros e seus acertos. Isso é muito saudável.

IHU – É um lugar de idéias novas e idéias antigas que estão sendo colocadas e recolocadas a serviço do futuro. Ele tem uma grande importância no universo acadêmico, porque, pela sua

dinâmica e estrutura, está liberto de algumas limitações que os cursos, o ensino e a rotina acadêmica impõem. Ele oferece discussões e propostas que alimentam esses cursos e esses setores acadêmicos que, às vezes, não podem expandi-las, ou nem mesmo sabem que elas existem.

Cartas do Leitor

Prezados,

Acuso, por meio deste, o recebimento do **Cadernos IHU Idéias** com publicação da minha palestra. Agradeço muito a atenção e parabenizo o Instituto pelo excelente trabalho realizado. Na oportunidade, colho o ensejo de enviar-lhes minhas cordiais saudações.

Gunter Axt, professor na PUCRS

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS